

“O mundo coberto de perros”

revista

**mangues
& letras**



13 de junho 2017 - Número 07
ISSN - 2236 9570

Expediente

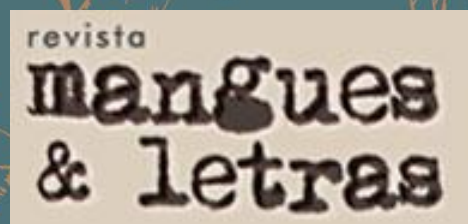
Organização e seleção de texto: Tânia Lima
Programador: Jonathan Silva Gomes

Revisão: Andréa Cristina Soares Costa; William Brenno dos Santos Oliveira

Arte final da capa do volume 2
Tânia Lima

Imagem da capa:
blogs.revistaencontro.com.br/petcetera/page/6/

Contato - email: manguesletras@gmail.com



Editorial

Tudo começou quando uma complexa vira-lata disse sim a outro perro. São os cães quem costuram esta fábula em forma de revista. Nesta edição, a proposta é mergulhar no mundo dos 'perros' da Literatura. O título deste volume O mundo Coberto de Perros rende homenagens aos cães do sertão, aos perros latino-americanos, aos cachorros que marcam presença no mundo literário. O mundo coberto de perros sou eu; é você; somos todos nós. Vive-se atualmente um mundo coberto de perros - osso duro de roer, au au au!!!.

Conselho Editorial

Carlos Emílio Corrêa Lima (CE); Élio Ferreira (PI); Fátima Costa (PE); Carlos Negreiro ((RN); Sherry Almeida (PE) Valéria Regina Dallegrave (RS); Alexandra Isfahani-Hammond (EUA); Roland Walter); Tânia Lima (RN); Alexandra Felipe (CE); Cremildo Bahule (Moçambique); Lisane Mariadne (RN)



O MUNDO COBERTO
DE PERROS

CÃO SEM PLUMAS

I. Paisagem do Capibaribe

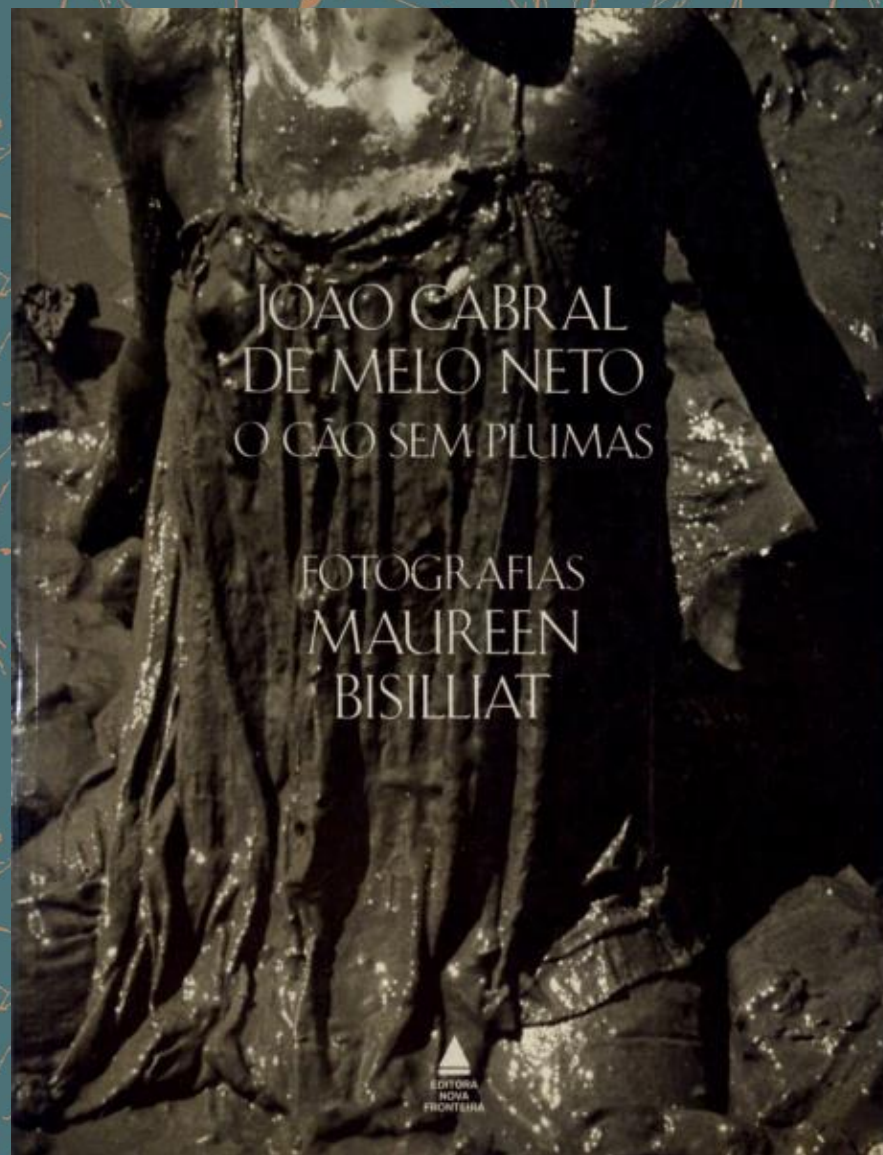
João Cabral de Melo Neto

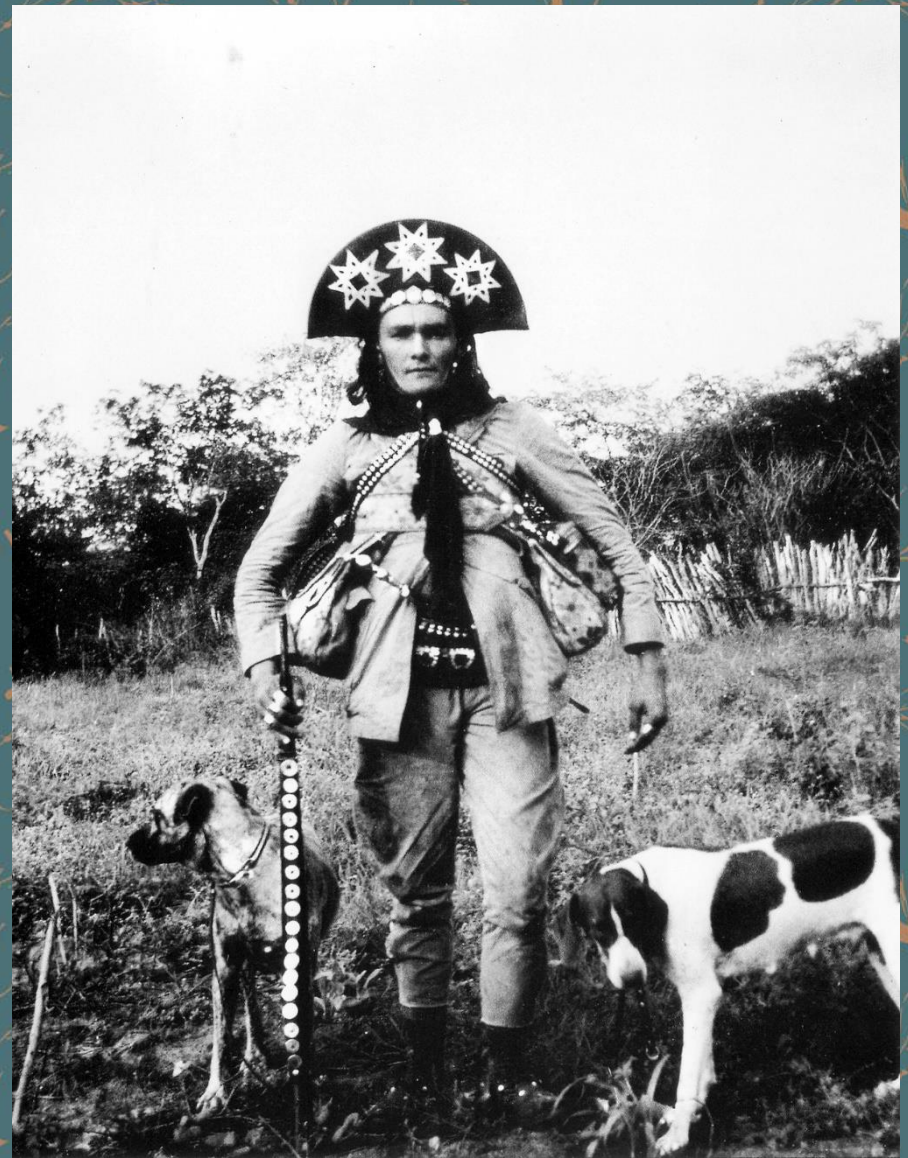
A cidade é passada pelo rio
como uma rua
é passada por um cachorro;
uma fruta
por uma espada.

O rio ora lembrava
a língua mansa de um cão,
ora o ventre triste de um cão,
ora o outro rio
de aquoso pano sujo
dos olhos de um cão.

Aquele rio
era como um cão sem plumas.
Nada sabia da chuva azul,
da fonte cor-de-rosa,
da água do copo de água,
da água de cântaro,

de lodo e ferrugem.
Sabia da lama
como de uma mucosa.
Devia saber dos polvos.
Sabia seguramente
da mulher febril que habita as ostras.



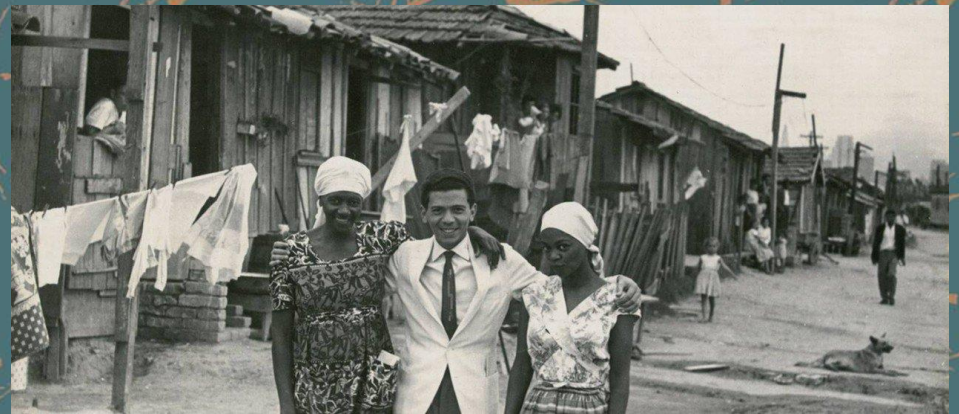




Cão gaceiro

Carolina de Jesus em HQ por João Pinheiro





Carolina de Jesus, cachorro ao fundo da imagem



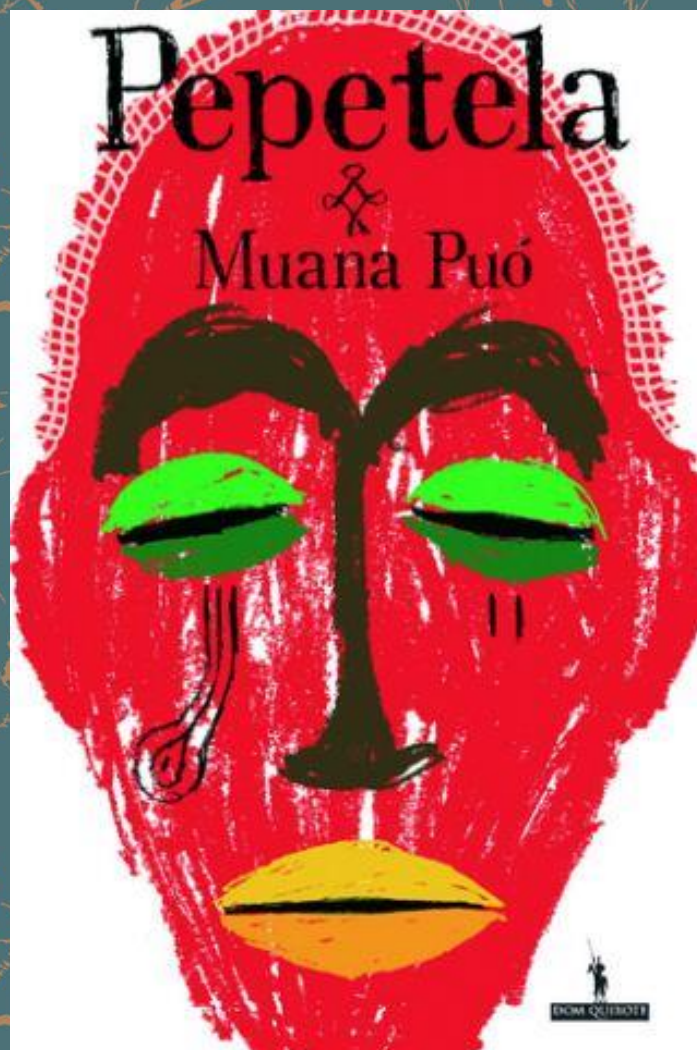
Fragmento do conto "*O dono do cão do homem*", in
livro *O fio das missangas*.

Conto-vos como fui traído não pela amada, mas pelo meu cão. Deixado assim sem palavra, sem consolo. Devia haver um hotel para os donos de cães abandonados pelos bichos. Com ligas de amigos e associações de proteção senhoras benfazejas, ajustando consciência em leilões de caridade. Não se trata de concluir sobre a geral ingratidão canina. Apenas um aviso aos outros dedicados e fiéis donos de bichos (...)



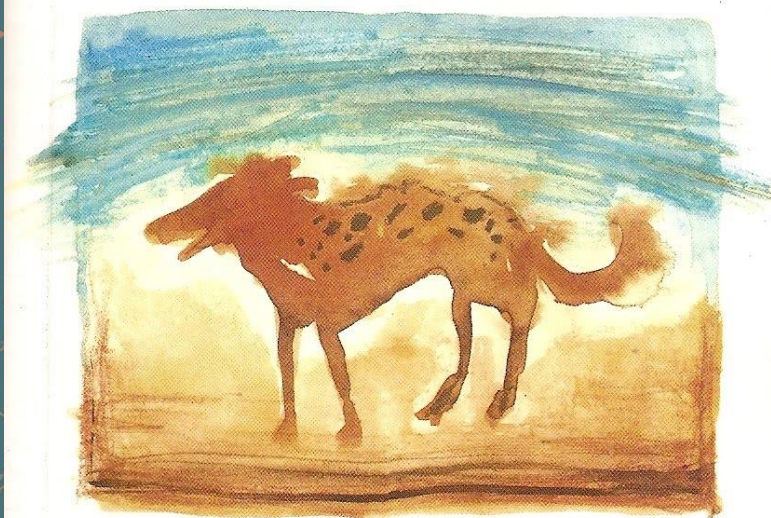


Armindo Lopes na V Bienal de S. Tomé e Príncipe



Pepetela

O Cão
e os Caluandas




PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE

AMAR UM CÃO

[Fragmento]

Maria Gabriela Llansol

_____ houve uma breve hesitação da parte de quem transportava o recém-nascido _____ o meu cão Jade, há muito tempo; muito, e com grande intensidade, aconteceu durante esse tempo breve em que Jade foi deixado suspenso sobre um medronheiro, sem mãe visível, num berço nem celeste, nem terrestre. No lugar que toda a planta acolhe, e que o entregara ao medronheiro, sentia sobre si uma incidência animal alada, que nem era verdadeiramente pássaro, nem verdadeiramente quadrúpede.

Era um fio de voz soando à altura do corpo musical que compunha a mata, um choro que coincidia com a convulsão das primeiras gotas de chuva; um sentimento ténue envolvia a cabeça emergindo do verde, e as pequeninas patas, saídas de um pano de baptista, não comoviam a planta lenhosa, já habituada a palpitações e folhas.

mas o ritmo novo que, pouco a pouco, não se identificava com a chuva, e tornava vermelho de tempo activo a atmosfera, fez erguer o medronheiro sobre si mesmo
«que ser tão frágil mais alto do que eu».

Se o ar não tivesse uma densidade leve, teria quebrado Jade. Jade, que acabara de nascer sobre as bagas purpúreas dos medronhos, e o ruído dos ramos partidos, já pensava. Um pensamento de leite subia nos sítios pedregosos, fora do local da casa, e da cerca com cerros e penhascos. Ele trazia nos olhos um instrumento azul para medir o diâmetro do sol, e dos astros; lia-se neles uma linguagem que só mais tarde, muito mais tarde, encontraria equivalente na boca:

«o meu Pai não existe fora da descrição do Sol; caminho através da murta, do adorno, a aroeira, e avistei esta serra em que a memória vê primeiro o *porto nascer*; mal nasci, situei-me, em vida interior, em face do mar; ergo para a minha dona os meus olhos frágeis, opondo-me a uma adversária que, de certeza, me ama: faço-lhe pedidos

luta comigo;
dá-me a sensação de ter saído vencido, mas com rebeldia.»





SIGMUND FREUD



...

O cão me deixa a falar sozinha

Tento manter papos com o cachorro.

Mas ele não resiste ao gemiar dos gatos em cio pela rua e dispara em lamuriosos uivos.

Eu é que sei do despeito,

da sina dos bichos que nascem para a dependência.

São autênticos cães de guarda. Guardam os ruídos da rua, os cheiros dos amigos, as coisas que eu não vejo (conservam o hábito de latir para o nada e tudo que tem nele). Eles também me guardam, não só da rua, mas dos meus demônios, ao meu lado, ajudam-me a vencer as pequenas batalhas. São guardadores da casa e do que dela em mim habita. Minha paz.

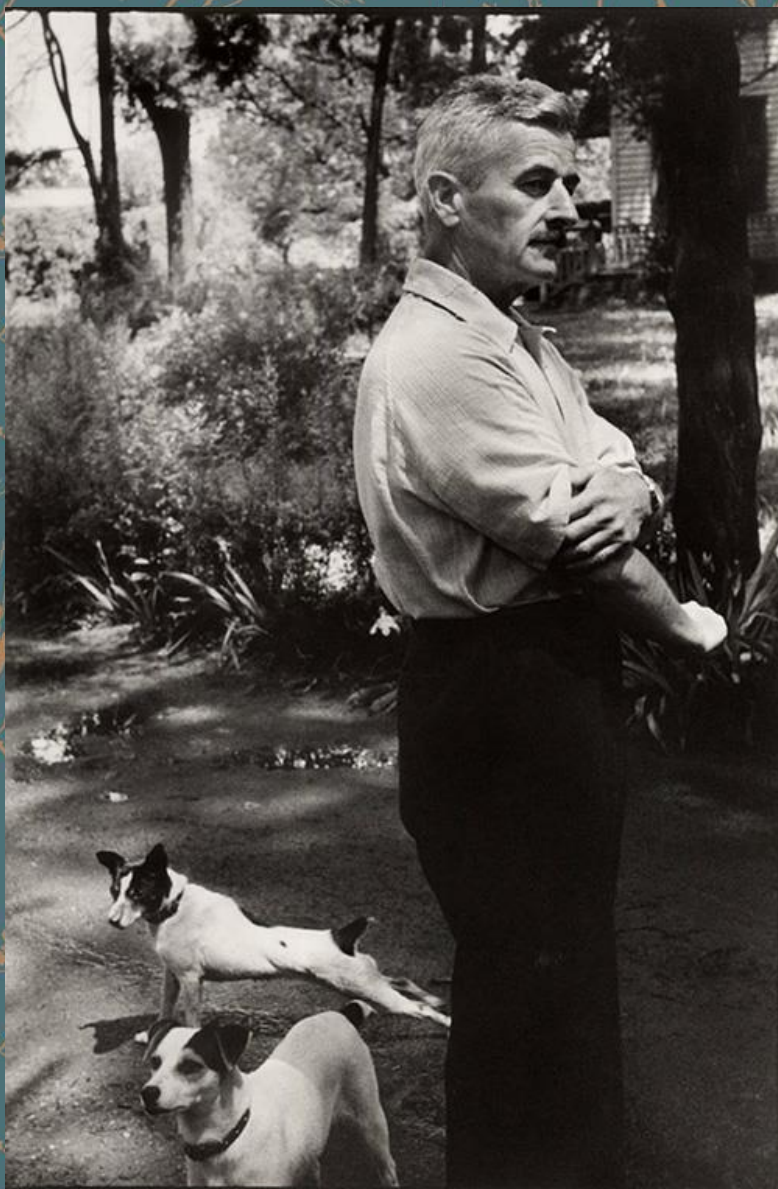
...

Olhos que pedem, outras vezes que cobram, uma mão um afeto, palavras. Escutam minha voz e sorriem pra mim com toda verdade que os faz matéria. Todas as manhãs, eu sou feliz. Quando eu acordo, corro para encontrá-los, e eles correm ao meu encontro felizes. E é uma felicidade que se potencializa num momento. Eu feliz por vê-los, eles felizes por me ver, eu feliz porque eu os vejo felizes.

Dedé gosta de rolar na grama. Na Serra onde eu nasci chamamos isso de "se espojar", que os burros fazem na areia. Dedé é meu burrinho verde. Billy faz isso na areia. Ele se apaixonou pela praia desde a primeira vez. Enche os olhos ver o quanto ele fica feliz. Ele ama tudo que vem do mar: a brisa (ele ergue a cabeça fechando os olhos e sorri. Parece receber do vento um carinho, quando lhe deita as orelhinhas), o toque da areia e os caminhos que o mar esculpe nela. A água do mar não (ele lambeu o mar e preferiu brincar na areia mesmo). Enquanto Dedé é meu burrinho verde, Billy é meu porquinho caramelo, fuça, fuça...

Fátima Lima





William Faulkner - Prêmio Nobel de
Literatura 1949 - junto a seus perros.



O humanista é uma pessoa com grande interesse pelos seres humanos. Meu cachorro é humanista

Kurt Vonnegut



A maior parte dos cães ladra sem razão, mesmo se alguém estiver a passar ao longe; mas alguns, talvez não os melhores cães de guarda, mas criaturas racionais, vão calmamente ter com uma pessoa desconhecida, cheiram-na e só ladram se o cheiro é suspeito. (Kafka, diário, 21 out 1917).



As minhas interrogações servem apenas de aguilhão para mim mesmo. Só quero ser estimulado pelo silêncio que se ergue à minha volta como resposta derradeira. «Até quando conseguirás suportar o facto de que o mundo dos cães, tal como demonstram cada vez com mais evidência as tuas pesquisas, está para sempre votado ao silêncio? Até quando conseguirás suportar esta ideia?» Esta, esta é que é a verdadeira grande interrogação da minha vida, uma interrogação perante a qual as outras interrogações se tornam totalmente insignificantes. Uma interrogação que diz respeito apenas a nós próprios e a mais ninguém. Infelizmente, posso responder a esta interrogação com mais facilidade do que às interrogações específicas: aguentarei, provavelmente, até ao meu fim natural. A serenidade da velhice irá formando uma resistência cada vez maior a todas as interrogações inquietantes. Tudo indica que hei-de morrer em silêncio e rodeado de silêncio, na verdade até de forma específica, e antevejo isso com uma certa tranquilidade. Um coração admiravelmente resistente, pulmões que é impossível ficarem fracos prematuramente, foram-nos dados a nós, cães, como que por ironia. Assim, sobrevivemos a todas as interrogações, inclusive àquelas que colocamos a nós próprios, como autênticas fortalezas de silêncio que somos.

Franz Kafka, "Investigações de um cão"

Franz Kafka

INVESTIGAÇÕES DE UM CÃO



Crise
Luxuosa

Codex Manesse:

do Grande Livro de Canções manuscritas de
Heidelberg - (século XIII)





Tratamento das enfermidades dos cães, pintura de Gaston Phoebus, mostra a atenção que recebiam na Idade Média



Charles Dickens & Turk



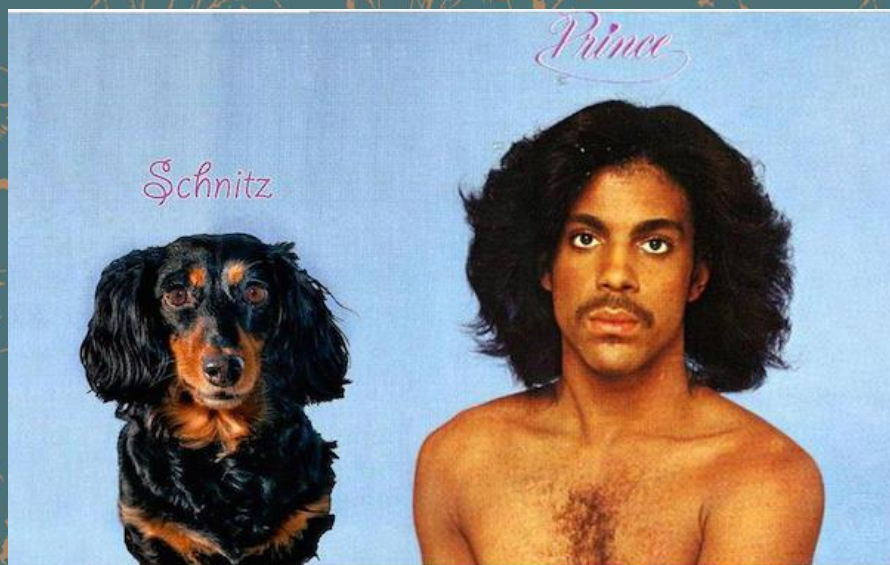
Elizabeth Taylor

eu monstro seu

eu hoje broto de incessante angustia, aflição. ódio nos olhos vermelho-sangue, eu, de coração azul-tricô. não pude uma só hora rir. eu, presidenta que não se dobra a um golpe hegemônico sem meus direitos de mulher fera. Eu monstro seu. olho para ti e cuspo nesse horizonte de distância nós. eu Clarão na sua entrevista pós hora da estrela. "cansada". eu, mau humor cuspiendo fogo dragão que sai de minhas entranhas. eu acabada, morta, triste, com uma bala no peito, lembrando que eu queria que a morte me pegasse feliz. eu olhar rimbaud perdido em áfrica, nação irmã. travis no deserto paris caminhando na lembrança que ficou noutros rumos. eu Tapuia escondida na mata com um pau na mão esperando o primeiro caçador para ver meu riso triste. eu velha piaff, viciada em morfina, engolida pela miséria do mundo. eu pedras de virginia fazendo uma woolf virar água-viva. eu sempre seu. seu pior lado, pior face. Pessoa eu, em mim, atiro minhas larvas a quem quer descamar o vulcão-cão que sou. eu mil histórias, com o dom de contar narrativas as quais todas elas me desaguam - eu *nus* outros. morro a cada palavra escrita, a cada oral, a cada beijo dado, a cada Quem me dedico. sempre confusa, vagacheia, pesada, com sorriso na cara lavada de meus rastros digitais, farejo de cães.

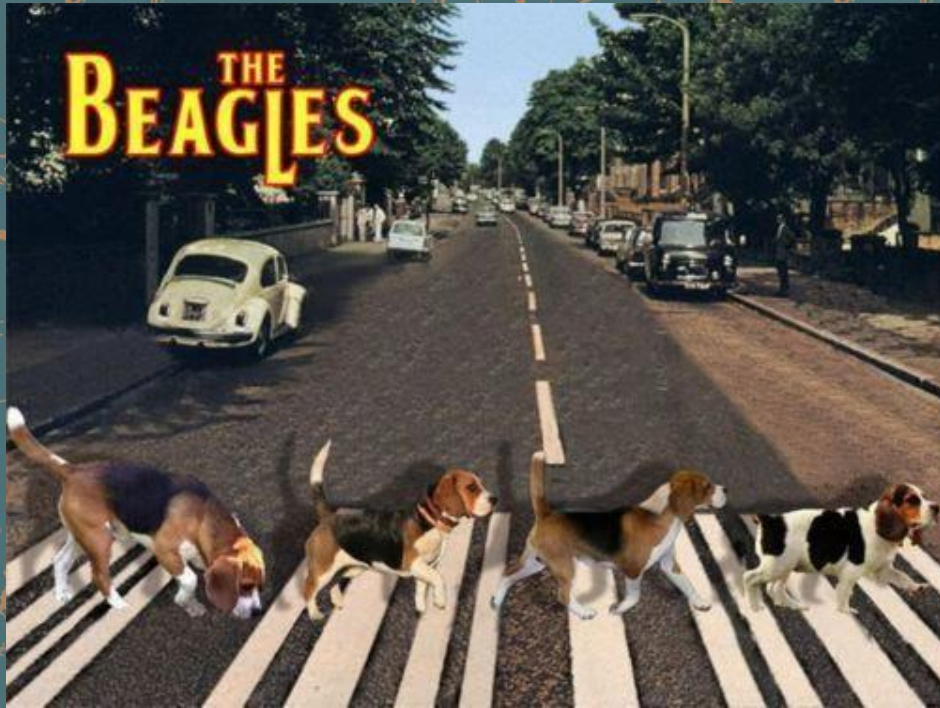
(* Lumática





PRINCE

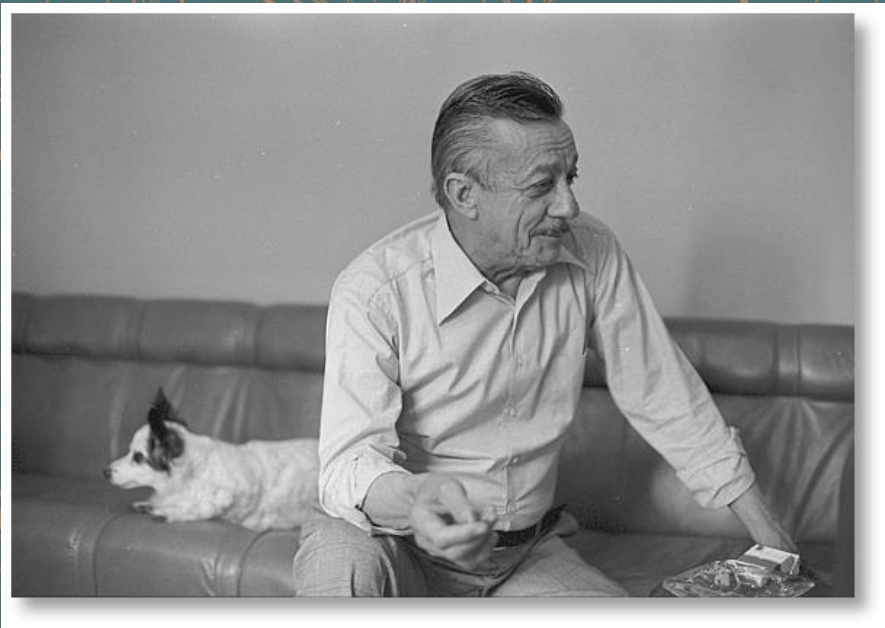






Billie Holiday





Adoniram Barbosa



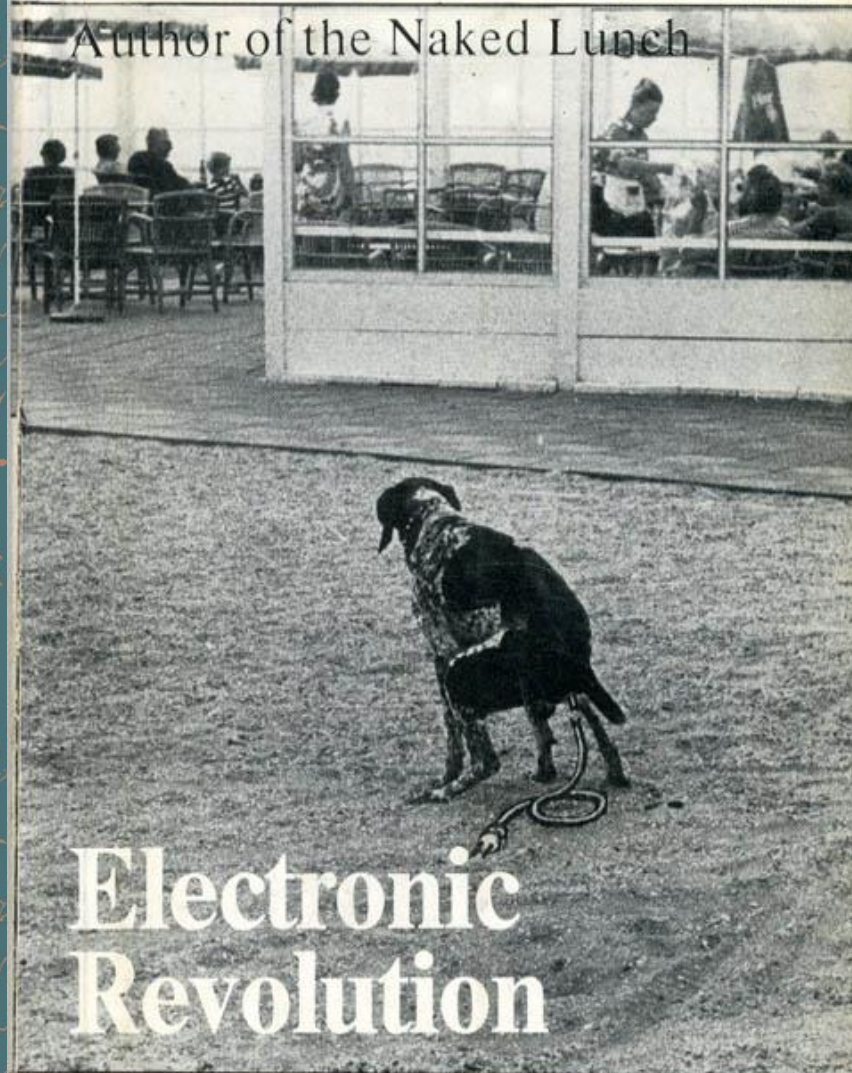
Matheus Nachtergaele

"Mas um rosnado de um cão é feio, o rosnado de uma multidão de brancos racistas no linchamento de um paquistanês... o rosnado de alguém que usa um adesivo "Mate uma bicha por Jesus", um rosnado hipócrita e nervoso. Quando você vê esse rosnado, está olhando para algo que não tem rosto próprio. A fúria de um cão não é dele. É ditada por seu treinador. E a fúria de uma multidão em um linchamento é ditada pelo condicionamento".

William-Burroughs

WILLIAM BURROUGHS

Author of the Naked Lunch



Electronic Revolution

EXPANDED MEDIA EDITIONS

História de cão

eu tinha um velho tormento
eu tinha um sorriso triste
eu tinha um pressentimento

tu tinhas os olhos puros
os teus olhos rasos de água
como dois mundos futuros

entre parada e parada
havia um cão de permeio
no meio ficava a estrada

depois tudo se abarcou
fomos iguais um momento
esse momento parou

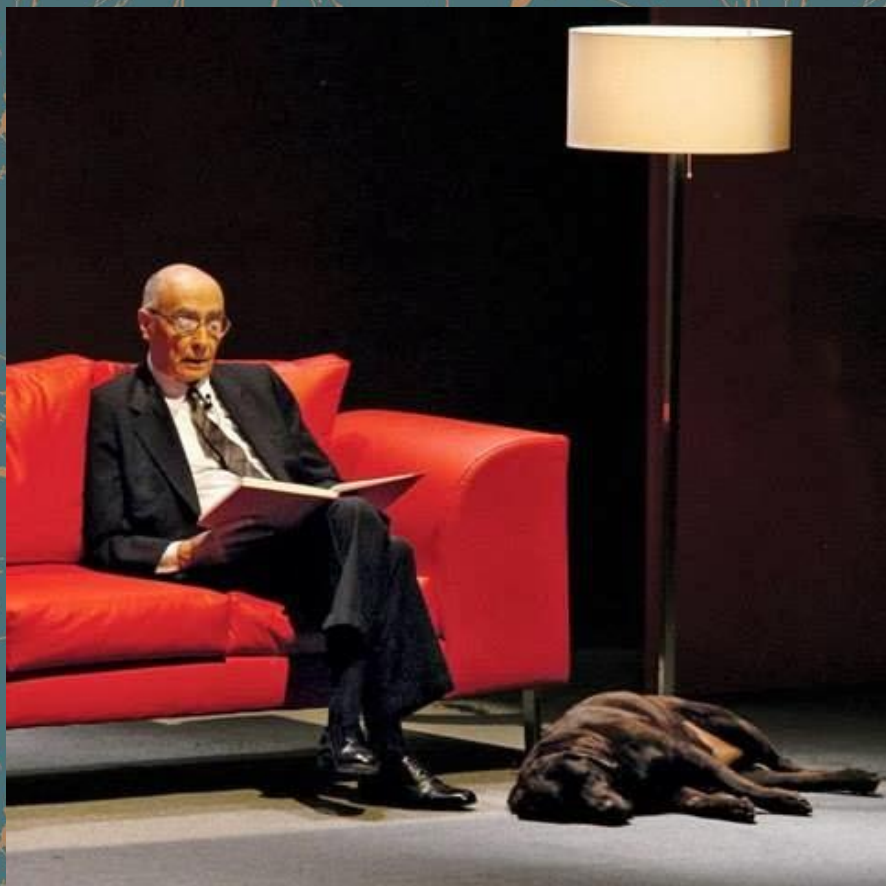
ainda existe a extensa praia
e a grande casa amarela
aonde a rua desmaia

estão ainda a noite e o ar
da mesma maneira aquela
com que te viam passar

e os carreiros sem fundo
azul e branca janela
onde pusemos o mundo
o cão atesta esta história
sentado no meio da estrada
mas de nós não há memória

dos lados não ficou nada

Mário Cesariny in
burlescas teóricas e sentimentais



José Saramago, in *Objecto quase*, 1978

(...) Tem sede, muita sede, mas ali não há sinal de água. O homem olha para trás e vê que metade do céu está já coberto de nuvens. O sol ilumina o bordo nítido de um grande nimbo cinzento que avança.

É nesse momento que ouve ladrar um cão. O cavalo estremece de nervosismo. O centauro lança-se a galope entre duas colinas, mas o homem não perde o sentido: seguir na direcção do sul. O ladrar está mais perto, e ouve-se também um tilintar de campainhas e depois uma voz falando a gado. O centauro parou para se orientar, porém os ecos enganaram-no e, de súbito, num terreno baixo e húmido inesperado, aparece-lhe um rebanho de cabras e à frente dele um grande cão. O centauro estacou. Algumas das cicatrizes que lhe riscavam o corpo, devia-as aos cães. O pastor deu um grito espavorido e largou a fugir, como louco. Chamava em altos berros: devia haver uma povoação ali perto. O homem dominou o cavalo e avançou. Arrancou um ramo forte de um arbusto para afastar o cão, que se estrangulava a ladrar, de fúria e medo. Mas foi a fúria que prevaleceu: o cão ladeou rapidamente umas pedras e tentou apanhar o centauro de flanco, pelo ventre. O homem quis olhar para trás, ver donde vinha o perigo, mas o cavalo antecipou-se, e rodando veloz sobre as patas da frente, desferiu um violento coice que apanhou o cão no ar. O animal foi bater contra as pedras, morto. Não era a primeira vez que o centauro se defendia assim, mas de todas as vezes o homem se sentia humilhado. No seu próprio corpo batia a ressaca da vibração geral dos músculos, a vaga de energia que deflagrava, ouvia o bater surdo dos cascos, mas estava de costas voltadas para a batalha, não era parte nela, espectador quando muito.
(...)

NOTURNO

Quatro da madrugada.
Vivos,
sob o arco do céu,
eu
e um cão tão magro como eu.

Sem prévia combinação, sem nada,
tivemos este encontro nesta rua
a esta hora marcada
pelo aceno da lua.

E aqui vamos agora,
num amor vagabundo
de quem não se conhece e se namora,
a encher os dois sozinhos este mundo.

Coimbra, 16 de Maio de 1940.

Miguel Torga



Zilda - Roma

©Zilda



Agatha Christie, escritora com mais de 66 livros escritos e mais de 100 mil cópias vendidas, passeando com seu cãozinho.

QUADRO

Indeciso ressurgir do poente
Aureolado de espanto e de desastres
Em busca do seu corpo dividido

Todas as sombras se erguem das esquinas
E o seguem devagar nas ruas verdes
São como cães no rastro dos seus passos

Aberta a porta o quarto grave surge
E os espaços oscilam nas janelas.

Sophia de Mello Breyner



Valter Hugo Mãe

**Contos de cães
e maus lobos**

prefácio de
Mia Couto

Porto
Editora

(...) ataçam os cães que
lhes rosnam dentro do
peito, os que lutam
alimentados nos poços da
alma numa
euforia velada e frustram, porque
aninhadas perante os
homens, violadas pela incapacidade
de rasgarem a carne com esses
focinhos e
tentam

Valter Hugo Mãe
A cobrição das filhas

À espera de Godot

Acto II

Dia seguinte. A mesma hora. O mesmo lugar.

No centro, junto à boca de cena, as botas de Estragon, tacões juntos, biqueiras afastadas. O chapéu de Lucky no mesmo sítio. A árvore tem quatro ou cinco folhas. Entra Vladimir, agitado. Pára e olha durante algum tempo para a árvore, começa então de repente a andar febrilmente pelo palco. Pára junto às botas, agarra numa, examina-a, cheira-a, exprime nojo, pousa-a cuidadosamente no mesmo sítio. Anda de um lado para o outro. Pára na direita e olha para longe protegendo os olhos com a mão encostada à testa. Anda de um lado para o outro. Pára na esquerda, faz o mesmo. Anda de um lado para o outro. Pára e começa a cantar alto.

Vladimir

Um cão entrou na —

Tendo começado num tom demasiado agudo, limpa a garganta e recomeça.

Um cão entrou na cozinha

E roubou um chourição.

Chega o chefe com o rolo

E fá-lo em massapão.

Logo os outros cães vieram

A enterrar o pobre cão —

Pára, medita, recomeça:

Logo os outros cães vieram

A enterrar o pobre cão.

E na pedra lhe escreveram

A seguinte inscrição:

Um cão entrou na cozinha

E roubou um chourição.

Chega o chefe com o rolo

E fá-lo em massapão.

Logo os outros cães vieram

A enterrar o pobre cão —

Pára, medita, recomeça:

Logo os outros cães vieram

A enterrar o pobre cão —

Pára, medita, Suavemente:

A enterrar o pobre cão...

Fica calado e quieto durante algum tempo, começa então a andar febrilmente pelo palco. Pára em frente à árvore, anda de um lado para o outro, pára em frente às botas, anda de um lado para o outro, pára na direita, olha para longe, pára na esquerda, olha para longe. Estragon entra pela direita, descalço, cabisbaixo, atravessa o palco lentamente. Vladimir volta-se e vê-o.

Samuel Beckett, *À Espera de Godot*, trad. José Maria Vieira Mendes.



Samuel Beckett, Prémio de Literatura 1969.



Juan Carlos Onetti, el escritor uruguayo más querido de los últimos tiempos y ganador del prêmio Cervantes.

Tennessee Williams, dramaturgo criador de El Zoo de Cristal y Un Tranvía llamado Deseo, Foto de Luc Fournol.



Benito Pérez Galdós, escritor espanhol, criador de *Marianela*, um dos livros importantes para se pensar o gênero realista no século XIX



Cães, Marinheiros

Era um cão que tinha um marinheiro. O cão perguntou à esposa, que se pode fazer de um marinheiro? Põe-se de guarda ao jardim, respondeu ela. - Não se deve deixar um marinheiro à solta no jardim, que fica perto do mar. Um marinheiro é uma criatura derivada por sufixação, e pode recluir-se o poder do elemento base: o radical mar. Em vez de guardar o jardim, ele acabaria por fugir para o mar. - Deixá-lo fugir, disse a esposa do cão. Mas ele não estava de acordo. Que um facto deveria ser esse mesmo facto até ao limite do possível: quem possui um marinheiro para guardar o jardim deve procurar mantê-lo a todo o custo, assim como o cão, ou o casal de cães, que não tiver um marinheiro deve não tê-lo até a isso ser absolutamente forçado. - Nesse caso, só nos resta ir para uma terra do interior, longe do mar, disse a cadela. E então foram para o interior, levando pela trela o marinheiro açaimado. Durante o percurso viram muitas paisagens. O marinheiro estava espantado com as paisagens que podem existir longe do mar. Fez diversas observações a esse respeito, provocando o risonho latido dos cães que, pela sua parte, concordavam em que tinham um marinheiro muito inteligente. - Nem todos os cães têm a nossa sorte, disse o cão, pois conheço vários cães que são donos de vários marinheiros estúpidos. Iam por isso bastante contentes e diziam, a outros cães com quem se cruzavam, que possuíam um marinheiro invulgarmente esperto. - Ele tem uma filosofia das paisagens, dizia o cão. Um cão da Estrela, que encontraram naturalmente perto da Serra da Estrela, perguntou-lhes se o marinheiro gostava de sardinhas. - Adora-as, respondeu a cadela. - Isso não me admira nada, disse o indígena. E na verdade não parecia admirado. Quando chegaram ao mais interior possível, alugaram uma casa com um jardim e puseram o marinheiro a guardá-lo. - Guarda-o, disseram. Deixaram-lhe ao lado uma dúzia de latas de sardinhas e foram para dentro de casa. Durante sete dias e sete noites, o marinheiro reflectiu sobre as paisagens do interior e comeu as sardinhas de conserva. Depois foi atacado de esgana, e começou a andar em círculos cada vez mais

apertados no meio do jardim. Os cães observavam-no da janela e viam que o seu marinheiro perdia as forças a cada volta. Um dia, ao anoitecer, caiu para o lado resfolegando. - O mar, ouviram-no dizer. Então foram para dentro, e dormiram. De manhã vieram cedo ao jardim e verificaram que o marinheiro estava morto. - Era um marinheiro tão esperto, disse a cadela. - Pois era, disse o cão, foi pena. E enterraram o marinheiro debaixo de uma acácia. Mas como já se haviam habituado à vida do interior, não regressaram ao litoral. Nunca mais tiveram marinheiros. - Para quê?, dizia a cadela, ralações já existem de sobra. E quem se atreve a negar que ela tinha razão?

Herberto Helder

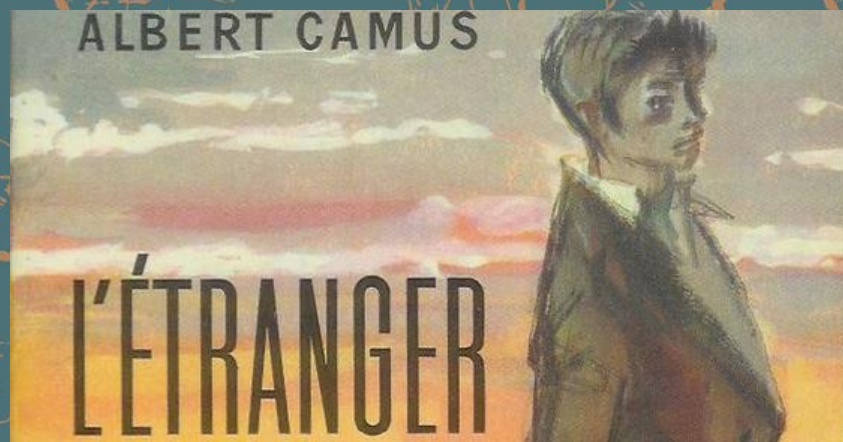




Ao subir, na escada escura, choquei com o velho Salamano, meu vizinho de andar. Ia com o cão. Há oito anos que não se largam. O rafeiro tem uma doença de pele que lhe faz cair todo o pêlo e o que o cobre de manchas e de crostas. À força de viver com ele, os dois sozinhos num pequeno quarto, o velho Salamano acabou por ficar parecido com o cão. Quanto ao cão, tomou do dono uma espécie de ar curvado, focinho para a frente e pescoço estendido. Parecem da mesma raça, e, no entanto, detestam-se. Duas vezes por dia, às onze horas e às seis horas, o velho leva o cão a passear. Fazem há oito anos o mesmo itinerário. Seguem ao

longo da Rua de Lyon, o cão a puxar pelo homem até o fazer tropeçar. Põe-se então a bater no bicho e a insultá-lo. O cão roja-se cheio de medo e deixa-se arrastar. Nesse momento é o velho que tem de puxar. Quando o cão se esquece, põe-se outra vez a puxar e é outra vez espancado e insultado. Ficam então os dois no passeio e olham-se, o cão com terror, o homem com ódio. É assim todos os dias. Quando o cão quer fazer as suas necessidades, o velho não lhe dá tempo e arrasta-o. Se por caso o cão «faz» no quarto, também lhe bate. Isto dura há oito anos. O Celeste diz que «é uma pena», mas no fundo ninguém quer saber. Quando encontrei o Salamano nas escadas ia a insultar o cão: «Bandido! Cão nojento!» Eu disse: «Boas-noites», mas o velho continuava a insultá-lo. Perguntei-lhe o que é que o cão tinha feito. Não me respondeu. Dizia apenas: «Bandido! Cão Nojento!» Percebi que debruçado sobre o animal, estava a arranjar qualquer coisa na coleira. Falei mais alto. Então, sem se voltar para trás, respondeu-me com uma espécie de raiva reprimida: «Está sempre aqui!» Depois foi-se embora puxando pelo cão, que gania e se deixava arrastar.

Albert Camus



Que cão tão banal !

Foi pena não terem chegado a um acordo porque afinal do que se estava a falar era das paixões da alma, desses cães ávidos que devoraram Actéon quando ele queria ver Diana no banho.

Os cães são muito impressionantes. A gente está sempre à espera que eles tirem a máscara de Anubis e se sentem à mesa com a gente encomendando uma cerveja bem gelada:

- Fuma?

- Não, obrigado, agora é muito mais original não ser fumador (a sinceridade dos animais é muito embaraçosa), mas comerei de bom grado um cachorro quente, com manteiga mas sem mostarda, faz-me espirrar, sabe, tenho um nariz muito fino (ri-se)... Está imenso calor, ainda não mudei de fato este ano, a minha dona ainda não me levou ao tosquiador, acha que ainda está frio e anda a gente aqui a suar e depois admiram-se que a gente tenha tanta sede - outra cerveja, faz favor, bem gelada - pois é, eu sou muito sequioso, também passo a vida a correr, a minha dona dá-me imenso trabalho, tem uma casa tão grande e tão constantemente ameaçada de assalto que eu não tenho um momento de descanso.

Senão demitem-me e eu gosto da minha dona, compreende, afeiçoei-me a ela desde pequeno, foi ela quem me chamou a si, me agasalhou, me sustentou e agora que sou já muito maior do que ela sinto-me na obrigação de a proteger contra os intrusos, cães ou não cães. É uma questão de gratidão, de coerência, os cães fizeram-se para isso, ser cão é ser isso mesmo!

- Que cão tão banal!

- É um cão protótipo, um exemplar de estatística.

- Mas então não era das paixões da alma que estavam a falar?

- Era, mas também há paixões de alma banais.

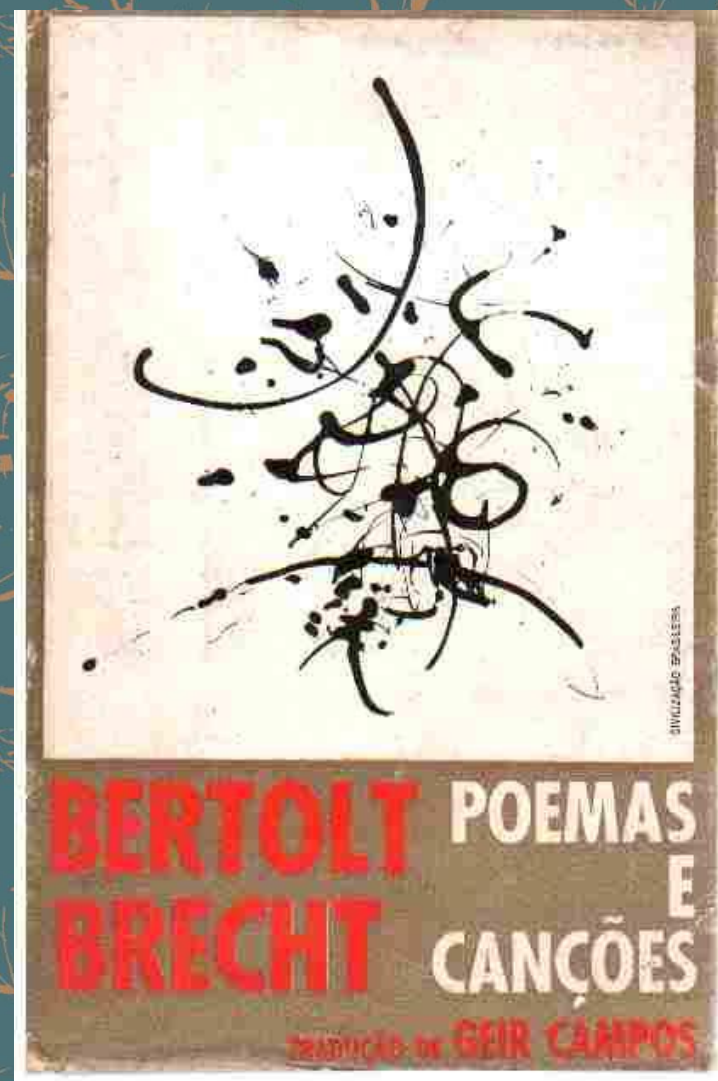
- Hoje em dia está tudo banalizado, não há dúvida

Ana Hatherly,

in *O Mestre*

Diz-me o meu jardineiro: O cão
É robusto e esperto e foi comprado
Pra guardar hortas. Mas eles
Fizeram dele o amigo do homem. Pra que é
Que lhe dão de comer?

Bertolt Brecht,
in Poemas e Canções



CONTO

Vai o menino só na estrada grande,
Grande e medonha entre pinhais sombrios,
Entre uivos ruivos, roucos e bravios
Arranhando o silêncio que se expande...

A mãe dissera-lhe: -- «O menino, ande
«Longe das selvas, dos fundões, dos rios...»
E avós, irmãos, amigos, primos, tios:
-- «Menino, vá por onde a gente o mande!»

Mas o menino foi desobediente.
E andou por vias ínvias ou sem gente,
Pela mão de enigmáticos destinos.

Saltar-lhe-ão lobos vis e cães de el-rei...
-- Foi pondo o ouvido em terra, que escutei
Lobos uivar e soluçar meninos.

José Régio, in *Biografia*

BIOGRAFIA



josé régio

A hóspede

Não precisas bater quando chegares.
Toma a chave de ferro que encontrares
sobre o pilar, ao lado da cancela,
e abre com ela
a porta baixa, antiga e silenciosa.
Entra. Aí tens a poltrona, o livro, a rosa,
o cântaro de barro e o pão de trigo.
O cão amigo
pousará nos teus joelhos a cabeça.
Deixa que a noite, vagarosa, desça.
Cheiram à relva e sol, na arca e nos quartos,
os linhos fartos,
e cheira a lar o azeite da candeia.
Dorme. Sonha. Desperta. Da colméia
nasce a manhã de mel contra a janela.
Fecha a cancela
e vai. Há sol nos frutos dos pomares.
Não olhes para trás quando tomares
o caminho sonâmbulo que desce.
Caminha - e esquece.

Guilherme de Almeida

(1890-1969)



O CÃO E O FRASCO

Meu lindo cãozinho, meu bom cãozinho, meu querido totó, aproxima-te e vem respirar um excelente perfume comprado no melhor perfumista da cidade.»

E o cão, agitando a cauda, o que é, creio eu, nestes pobres seres, o sinal correspondente ao riso e ao sorriso, aproxima-se e pousa curiosamente o focinho húmido sobre o frasco desenvolvido; depois, recuando com repentino receio, ladra voltado para mim, à maneira de censura.

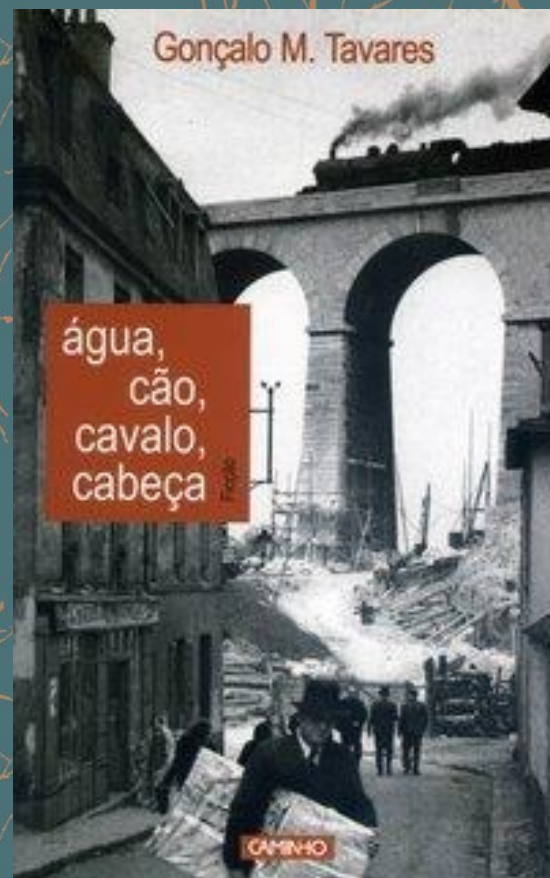
«-- Ah! cachorro execrável, se eu te houvesse presenteado com um pacote de excrementos, tê-lo-ias farejado com delícia e talvez devorado. Assim, também tu, indigno companheiro da minha triste vida, és semelhante ao público, ao qual nunca se podem apresentar perfumes requintados que o exasperam, mas sim porcarias cuidadosamente escolhidas.

Charles Baudelaire
O Spleen de Paris



Escif – França

Gonçalo Tavares



Gonçalo M. Tavares

água,
cão,
cavalo,
cabeça

CAMINHO

A Harmonia

A certo momento pararam. O cão ensanguentado gania. Mas não estava morto.

(Somos todos irmãos, irmãos.)

Vamos supor que se chamava Maria e era uma mulher má e falsa. Um dia, de noite, sem perceber porquê, tinha dois homens à sua volta. Foi agarrada, atirada ao chão, violada.

Maria chegou a casa e nada conseguiu dizer. A sua irmã chorava. Maria tinha os olhos vermelhos, o corpo negro, tremia, não conseguia falar. Sangue na roupa.

E por Maria - que era mulher má, sempre fora intriguista, falsa - por ela choraram certas pessoas. Cinco pelo menos (que eu contei): a irmã, a mãe, o pai, uma rapariga (por vezes falavam); e uma outra pessoa que nunca até hoje se viu.

Que me importam os cães? Um animal é tanto ou menos que uma máquina e na luta dos dois que vença o melhor. Bater num cão é o mesmo que espancar uma máquina. Que adianta, que maldade é essa?

O acaso e as circunstâncias. É o destino, o cruzamento entre o acontecimento e um homem, que amplia ou

não o reino da banalidade. Pouco depende do homem - quase tudo é imposto pelo dia, pelas suas exigências de causas quase sempre obscuras.

E o único fenómeno estranho ao instinto de sobrevivência que manda em qualquer pessoa, animal ou anjo que exista, é o amor. Mas o amor é tão popular entre os vivos que se tornou num sentimento da multidão: há que receá-lo como se receia a palavra de ordem de qualquer ajuntamento exaltado.

O cão pode ser visto como música equilibrada (harmonia é a palavra) devido às suas quatro patas (como uma mesa orgânica). Mas se ao cão se cortar uma das patas a nossa vida altera-se, e sangra tudo, como quem é traído por uma mulher ou pela morte do pai.

Gonçalo M. Tavares
Água, Cão, Cavalo, Cabeça



Maddie: a aposta por adotar cães

Theron

Humphrey





Série fotogràfica,
de Theron Humphrey

A SUPER SERIOUS PROJECT ABOUT DOGS AND PHYSICS

MADDIE ON THINGS





Charles Bukowski

O amor é um
cão dos diabos

L&PM POCKET

O melhor poeta da América
JEAN-PAUL SARTRE

SONETO 318 CANINO

O mais fiel amigo e companheiro,
do cego o guia e ágil caçador,
tem raças variadas, desde o amor
até a ferocidade do açougueiro.

O dalmata, o pastor, o perdigueiro,
o fila, o pequinês, o labrador...
Conhecem nossos pés pelo sabor.
Nossas cabeças sacam pelo cheiro.

Mais longa que do cocker uma orelha
é a forma do bassê: uma salsicha.
Nenhuma raça em graça lhe é parelha.

A pata é curta e torta, o corpo espicha.
O olhar ao da tristeza se assemelha.
Sim, perto do bassê fofura é ficha!



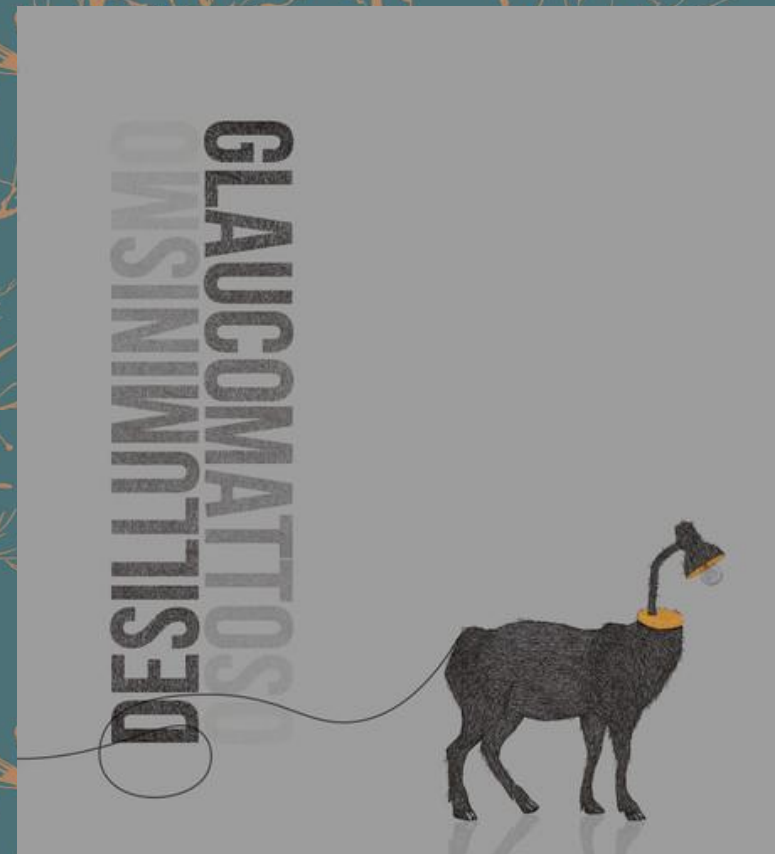
SONETO 630 CONDICIONADO

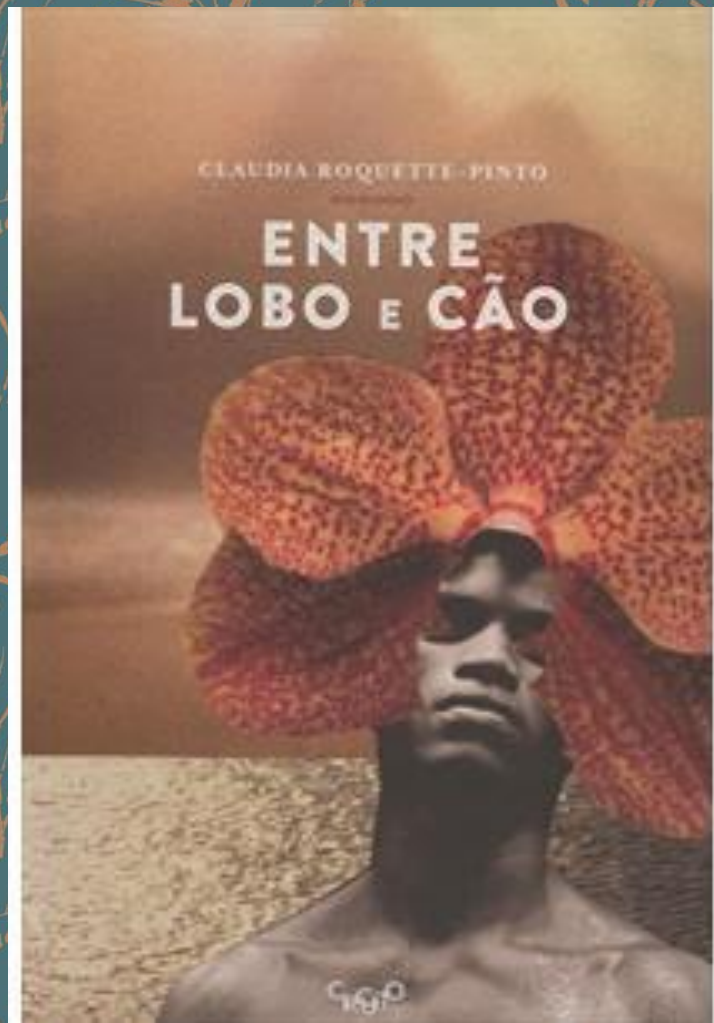
A hora do passeio é, para o Chicho,
momento de lazer e compromisso.
Quem leva quem? Dos dois, qual o submisso?
O bicho puxa, e o dono puxa o bicho.

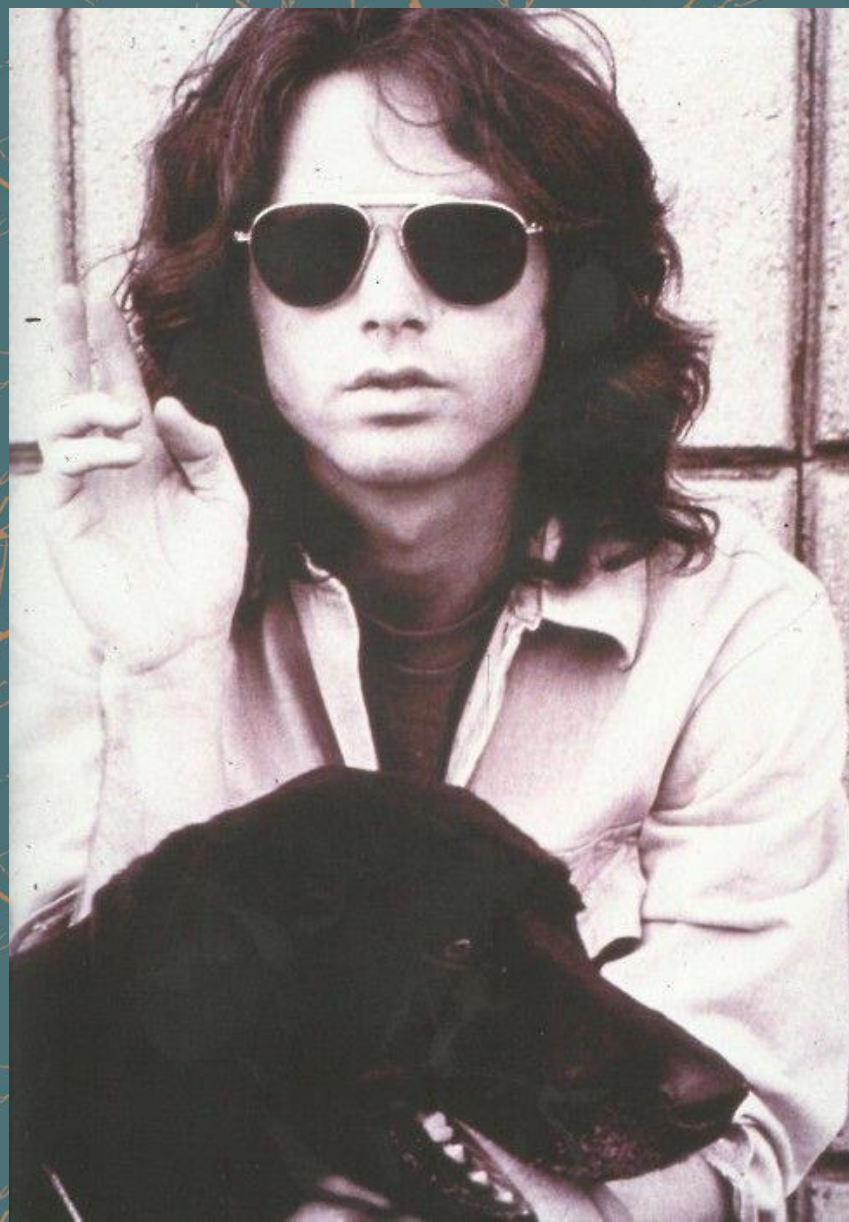
Portões, muros, degraus, latas de lixo,
além dos postes, claro, onde o roliço
bassê faz ponto e perde um tempo nisso,
maior que o necessário ao mijo mixo.

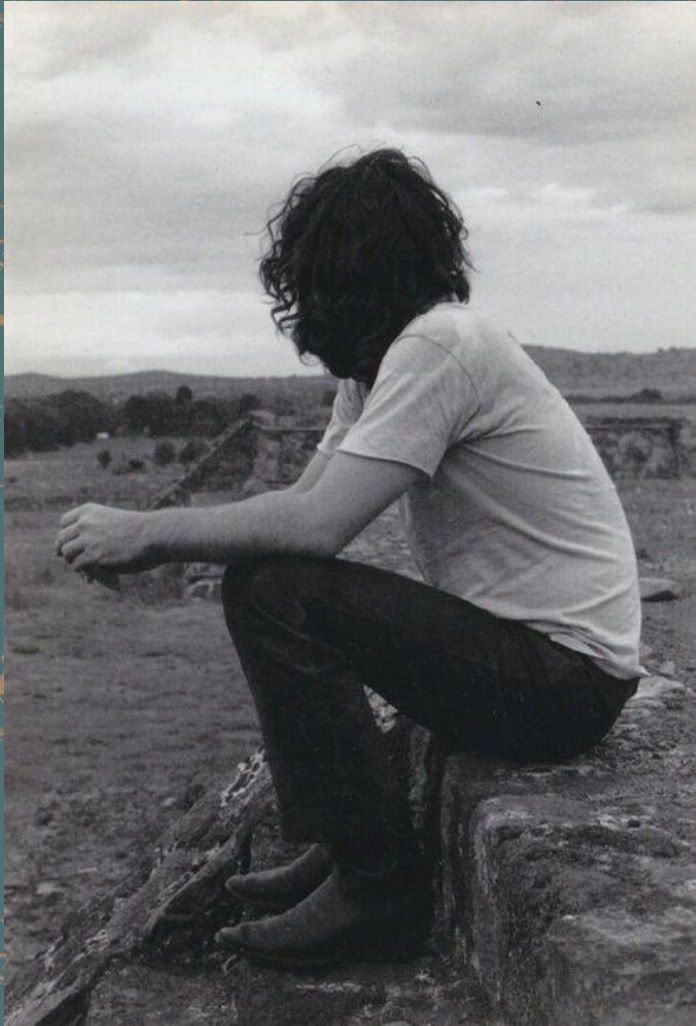
Coberto o itinerário, a dupla volta
ao quieto apartamento. Noutro dia,
de novo um sai e o outro faz-lhe escolta.

*Quem acha que meu Chicho, em poesia,
não vale ser cantado, é quem mais solta
cachorros, sem ter um por companhia.*







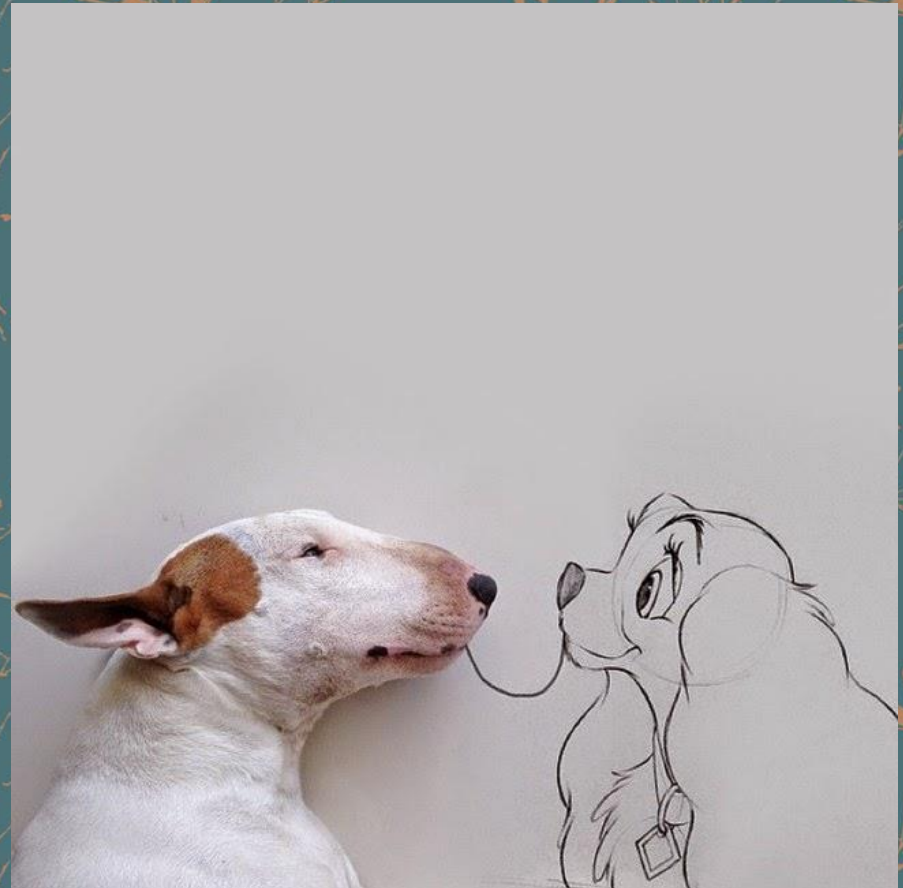


Jim Morrison

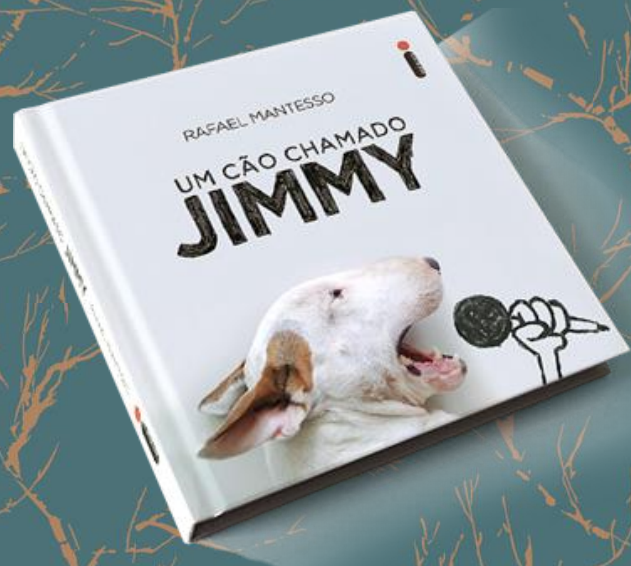
Por acaso

Me sinto como um balão vazio
que estourou e pouco sobrou da borracha
cachorrinho vira lata
barata esmagada no canto da sala
A noite é um convite pra lembranças
e um copo de conhaque
conhaque sim!!
que é para explodir vermelhos
e esquecer teu gosto inosso
tua timidez de viúva
teus medos tão brancos de pó de arroz...

Mara Faturi

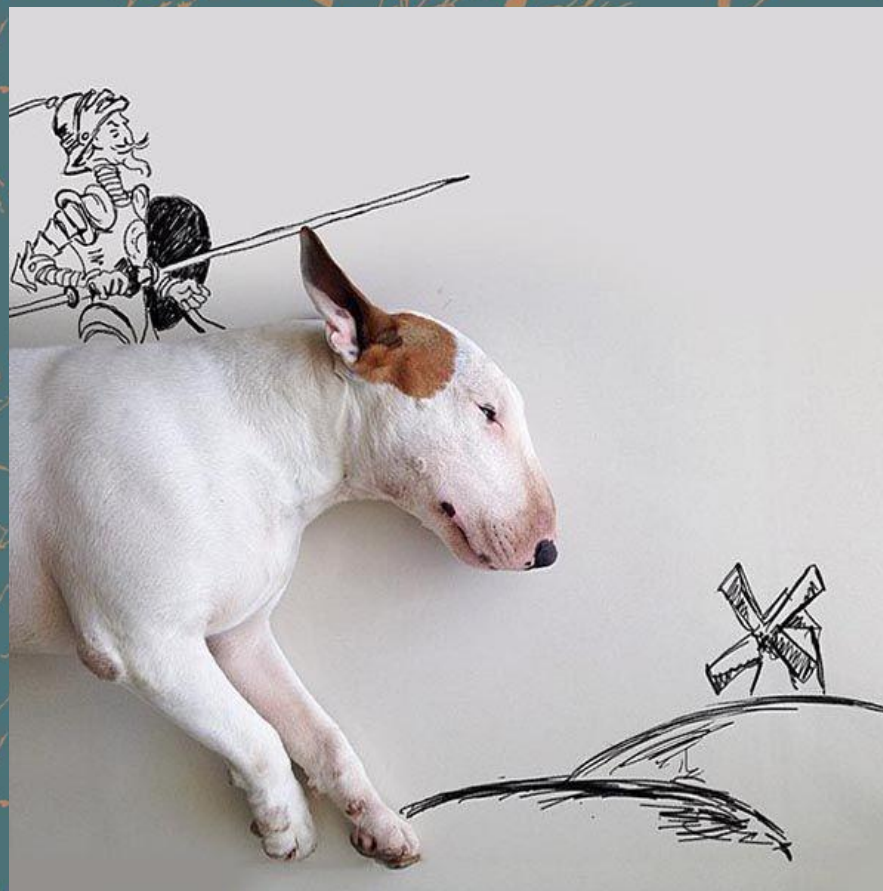


Rafael Mantesso



Rafael Mantesso

Série photographique

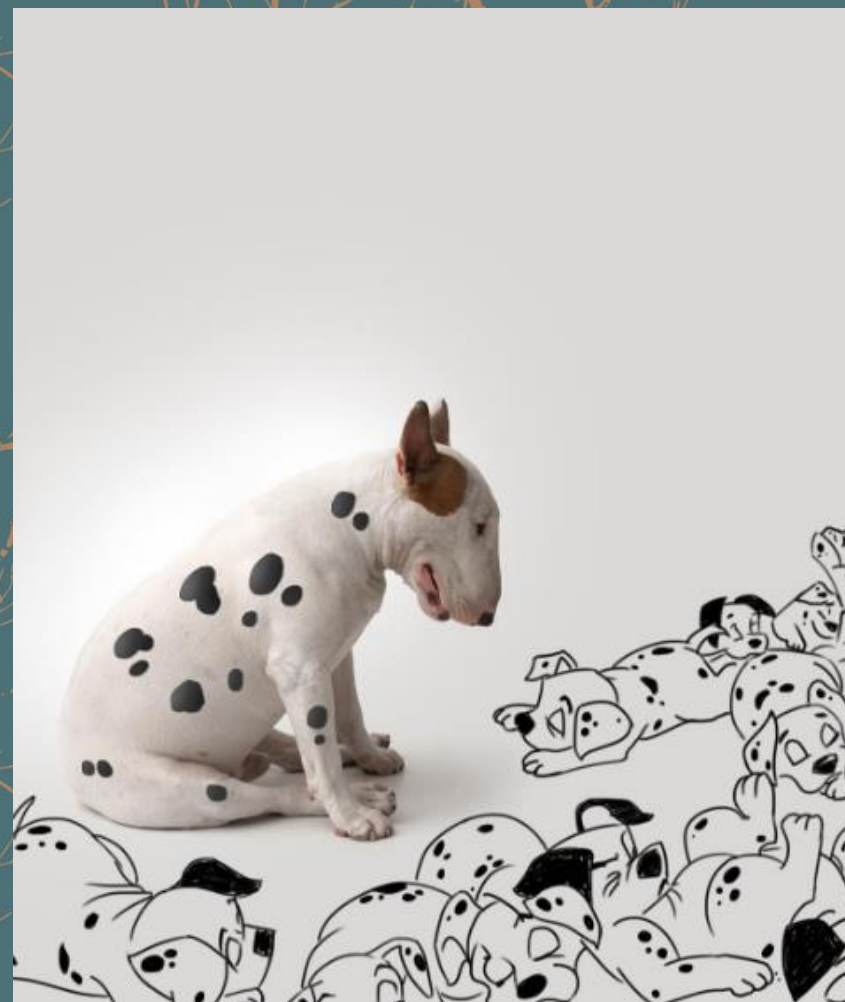




Rafael Mantesso



Rafael Mantesso



casa com cachorro brabo
meu anjo da guarda
abana o rabo.

LEMINSKI





fotografia Lucia Lucena

REDE

Um cachorro quando late na noite silenciosa
puxa um fio da garganta e estende para outro cachorro.

O cachorro latido puxa outro fio
e joga no quintal do cachorro vizinho
que também late e acorda outros cachorros
o que era um fio de latido vira uma rede
com tomadas ligadas nas gargantas uns dos outros.

* Nêa Gesualdi é do Rio de Janeiro, jornalista e poeta e amante dos bichos!!! Lançou o livro *Metamorfose dos mesmos* em 2007.



Miró

"Cão latindo para a lua".



Miró

"A mulher e o cachorro antes da lua".



O Guardiã da Duna

Valéria Regina Dallegrave

Ficou muito tempo longe de si e já não se reconhecia. Permaneceu acordada durante a viagem para não deixar o momento fugir desgovernado. Segurou entre os dentes o tempo e o espaço, pois o mundo não era mais o mesmo... Colocou os pés na areia e bebeu horizontes, mas não. Seus olhos ainda ardiam muros de cimento. As pessoas já não eram mais as mesmas – e talvez nunca tenham sido.

O vento escondeu-se por trás do dia nublado e o silêncio pousou sobre todas as bocas, em um beijo gelado. Um gosto de nada misturava-se à saliva, como se tudo soubesse do fim. A praia jazia estendida sobre as palavras descoladas umas das outras...

Restavam-lhe pé e pé, até não chegar a lugar algum.

Foi quando ela encontrou *O Guardiã da Duna*. À primeira vista, um cão como qualquer outro, mas um observador atento perceberia logo que, não importava por onde ele andasse na grande extensão da praia, carregava consigo a alma da duna...

A menina falou com o bicho, que se aproximou como um gato e ganhou afagos. Ela ia continuar seu caminho cinzento, mas viu que ele a seguia docemente. Comovida com o laço repentino de afeto que se fez, parou e esperou. Ele achegou-se e deitou ao seu lado. Ela se descobriu nele e o dia ficou dourado...

Na praia imensa havia apenas uma menina e um cão de duna.

... ela colocou os pés na areia e bebeu horizontes...

ANTÔNIO TORRES
O CACHORRO E O LOBO



O COLÓQUIO
DOS
CACHORROS

MIGUEL DE
CERVANTES

A ARTE DA NOVELA



Emily Dickinson, por Margaret Fuller

"Cães são melhores do que os seres humanos porque eles sabem, mas não contam".

Emily Dickinson

I started Early - Took my Dog -
And visited the Sea -
The Mermaids in the Basement
Came out to look at me -

And Frigates - in the Upper Floor
Extended Hempen Hands -
Presuming Me to be a Mouse -
Aground - upon the Sands -

But no Man moved Me - till the Tide
Went past my simple Shoe -
And past my Apron - and my Belt
And past my Boddice - too -

And made as He would eat me up -
As wholly as a Dew
Upon a Dandelion's Sleeve -
And then - I started - too -

And He - He followed - close behind -
I felt His Silver Heel
Upon my Ankle - Then My Shoes
Would overflow with Pearl -

Until We met the Solid Town -
No One He seemed to know -
And bowing - with a Mighty look -
At me - The Sea withdrew -

Emily Dickinson



Carlo

A little Dog that wags his tail
And knows no other joy
Of such a little Dog am I
Reminded by a Boy

Who gambols all the living Day
Without an earthly cause
Because he is a little Boy
I honestly suppose -

The Cat that in the Corner dwells
Her martial Day forgot
The Mouse but a Tradition now
Of her desireless Lot

Another class remind me
Who neither please nor play
But not to make a 'bit of noise'
Beseech each little Boy -

Emily Dickinson

Carlo

Cachorrinho balança o rabo
Desconhece outra alegria
Uma Criança tão pequena
Me faz lembrar sua energia

Brinca contente pelo dia
Sem motivo terreno
Somente, eu diria –
Por ser Menino pequeno

No canto, a Gata pensa
No dia de caça que passou
O Rato, faz parte agora
Da Sorte que não lhe restou

Me lembram outra gente
Que tenta “abafar o eco”
Nem diverte, nem nada sente
Ensina, Menino, por obséquio –

Tradução: Mima

Emily Dickinson tinha dezenove anos quando ele chegou. Ela o recebeu ainda filhotinho, presenteada por seu pai que conhecia bem sua relação panteísta com a natureza e seus seres. Ele cresceu e se tornou um cachorro grande, negro, desengonçado. Mas era vivo, atento, cuidadoso e brincalhão, como um menino pequeno, que tudo sabe, e bem que podia nos ensinar a gozar do que há de mais simples na vida.

O livro *Jane Eyre* ainda estava em sua cabeceira e fresco em sua mente. Emily havia percebido a grande semelhança de seu companheiro de caminhadas com o Carlo que conheceu em *Jane Eyre*. Não poderia, portanto, ter escolhido nome melhor para seu novo amigo. O Carlo de Charlotte Brontë e o Carlo de Emily Dickinson são cheios de vida, balançam o rabo ao encontrar pessoas e entusiasmo nas coisas simples, não conhecem outra alegria

Jane Eyre é um romance vitoriano narrado em primeira pessoa e publicado em 1847. A protagonista Jane conta sua experiência no orfanato com tanta delicadeza e de forma tão minuciosa, que nos faz sentir o desespero das meninas órfãs, repudiadas e carentes naquela instituição, que supostamente deveria acolher essas crianças. Jane, um dia pede a Helen, sua pessoa mais próxima, para desenhar seus lindos cabelos cacheados, mas para isso Helen teria que soltá-los. Quando descobertas, Helen é obrigada a cortar os cabelos como punição por seu comportamento, então considerado “prepotente”. Jane revolta-se com a instituição e decide ser solidária à amiga, cortando seus cabelos como os de Helen. O livro

preocupa-se com as limitações das mulheres num mundo guiado por homens. Charlotte Brontë busca mostrar, através de Jane, o potencial feminino em suas relações e para a sociedade

Este tema remete muito às cartas e poemas de Emily Dickinson. Possivelmente, o acolhimento que faltou às meninas no orfanato de *Jane Eyre*, Emily encontrou na escrita de Charlotte. Os personagens de *Jane Eyre* conquistaram o carinho de Emily, e o Carlo com certeza caminhou ao seu lado no percurso de sua leitura. O Carlo não-fictício de Emily também gostava de acompanhá-la nos passeios com a Susan, sua vizinha e pessoa para quem Emily dedicou a grande maioria de seus poemas e cartas, além de lhe ajudar com afazeres domésticos e cuidados com os filhos. Caminhavam pelos bosques de folhas coloridas nas tardes de outono na cidade de Amherst. Susan era sua Helen, e Emily, com certeza teria cortado seus cabelos em solidariedade à Susan se tivesse vivido a experiência de Jane e Helen.

A amizade, o carinho amigo, as brincadeiras infantis, a lealdade e a sensibilidade de reconhecer alguém que se ama à distância são características típicas dos cães. Em um trecho do livro, a protagonista Jane descreve o jeitinho brincalhão de Carlo ao percebê-la lá no fundo do campo, antes mesmo que seu dono, Mr. Rivers, a percebesse ali: “ele já foi logo levantando as orelhas e balançando o rabo quando me viu chegando distante no campo.”

“(…) he pricked his ears
and wagged his tail when I

was at the bottom of the
field”

(*Jane Eyre*, Charlotte Bronte)

O poema “*I started Early*” de Emily Dickinson deu origem ao título do livro *Started Early, Took My Dog* de Kate Atkinson (2010), que trata da passagem do tempo e de como nossas experiências no mundo nos “enfraquecem”, pois, por exemplo, as dores que sentimos nos tornam mais sensíveis, menos rígidos. No poema, cão e acompanhante passeiam pela praia e encontram-se com sereias que aparecem curiosas para saber quem passa. O poema é uma pintura do mar e seus mistérios. A natureza se mostra encantadora e ao mesmo tempo extremamente poderosa. Nos faz refletir sobre o isolamento do ser humano em relação aos outros animais e o contato com a natureza. E quando, e se, conseguimos nos desvincular das invenções humanas, voltamos a ter aquela perspectiva genuína de um cachorro que corre por entre as árvores, como uma criança. Balançamos o rabo quando a música toca e quando a poesia nos encanta.

A verdade prova que o
tempo é o senhor
Dos dois destinos, dos dois
destinos
Já que pra ser homem tem
que ter
A grandeza de um menino,
de um menino”

(Cidade Negra)

Um artigo sobre Carlo, publicado no site do *Emily Dickinson Museum*, conta que os vizinhos de Emily lembravam dela chegando com aquele cachorro esquisito ao lado dela. Uma vizinha, em específico, lembrou-se de Emily com Carlo, diz que quando criança via Emily passeando com seu “cão enorme”. Uma vez, segundo ela, Emily lhe disse: “Gracie, você sabe que eu acredito que o primeiro a vir me cumprimentar quando eu for ao céu será esse querido fiel amigo, o Carlo?” Quando Carlo morreu por volta dos 17 anos em janeiro de 1866, Dickinson não encontrou palavras para expressar sua dor, escreveu apenas “Carlo morreu. / E. Dickinson /” (L314) na carta mais breve que já enviou a seu amigo Thomas Higginson. Meses depois, ainda sentindo sua ausência, Emily lhe escreveu esse tributo:

Time is a test of trouble
But not a remedy –
If such it prove, it prove too
There was no malady.

(Emily Dickinson)

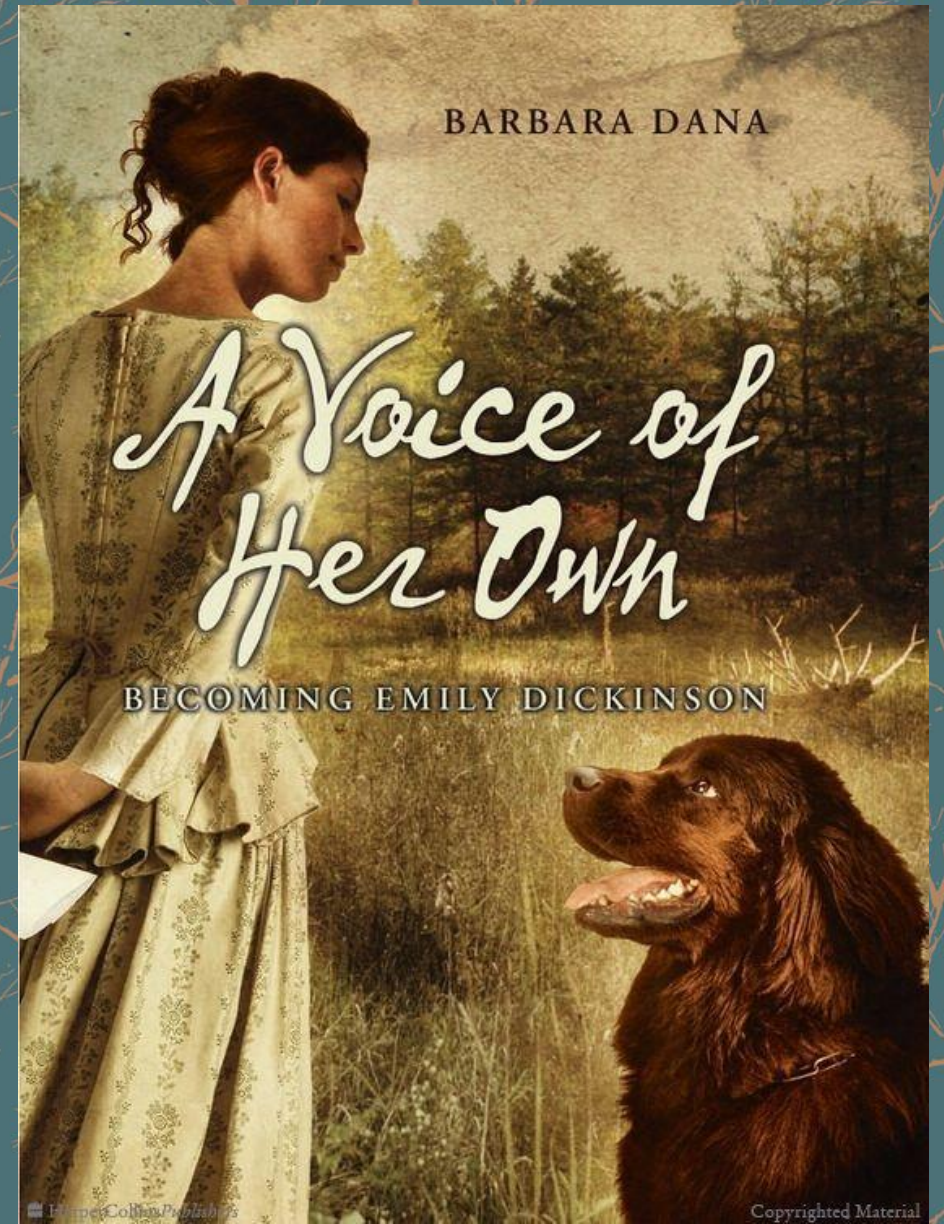
O tempo avalia o debilitado
Não pode remediar –
Mas se curar, também provará
Que abatimento não há.

(Tradução: Mima)

Maureen Adams fez um trabalho de pesquisa sobre a relação de Emily e Carlo. Ela examinou cartas e poemas de Emily Dickinson que se

referiam a Carlo. Segundo ela, Carlo ajudou Emily a se sentir protegida, sua presença acalmava sua ansiedade e ajudava em sua interação com outras pessoas. Emily passou a apreciar o silêncio de Carlo enquanto testemunhava seu processo criativo. Carlo pode ter sido o maior confidente de Emily Dickinson.

Mima



POEMA PARA CACHORRO LATIR

AU-AU!

Um M-I-A-U-U agudo vazou o ar em plena tarde

UAU!

O cachorro, pendurado de pulgas e carrapatos

Mais rápido do que o som,

zarpou sala a dentro num desespero estertorado de gaivota em pleno voo,
e

alcançou o gato zombeteiro na esquina de uma cadeira elétrica.

O gato, ligeiramente hábil no domínio das situações constrangedoras

Deu uma volta rasante no fio descascado que sobrava da esquina da cadeira.

AAAAAAAAAA-UUUUUUUUU!!!!

O uivo lancinante do cachorro,

preso às garras do elétrico fio invisível

surpreendeu até o felino luminoso

que agora subia levemente no telhado do vizinho.

au, au, au, au, au, au.

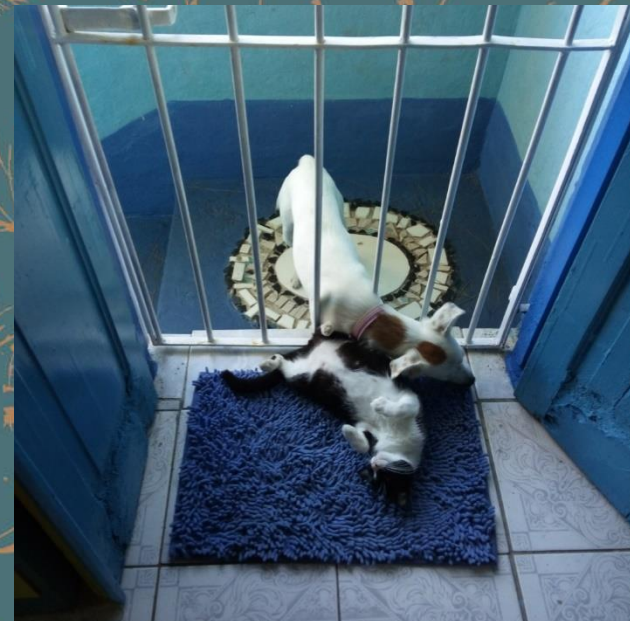
O treme-treme daquela voz cadente

não sossegou até o último suspiro

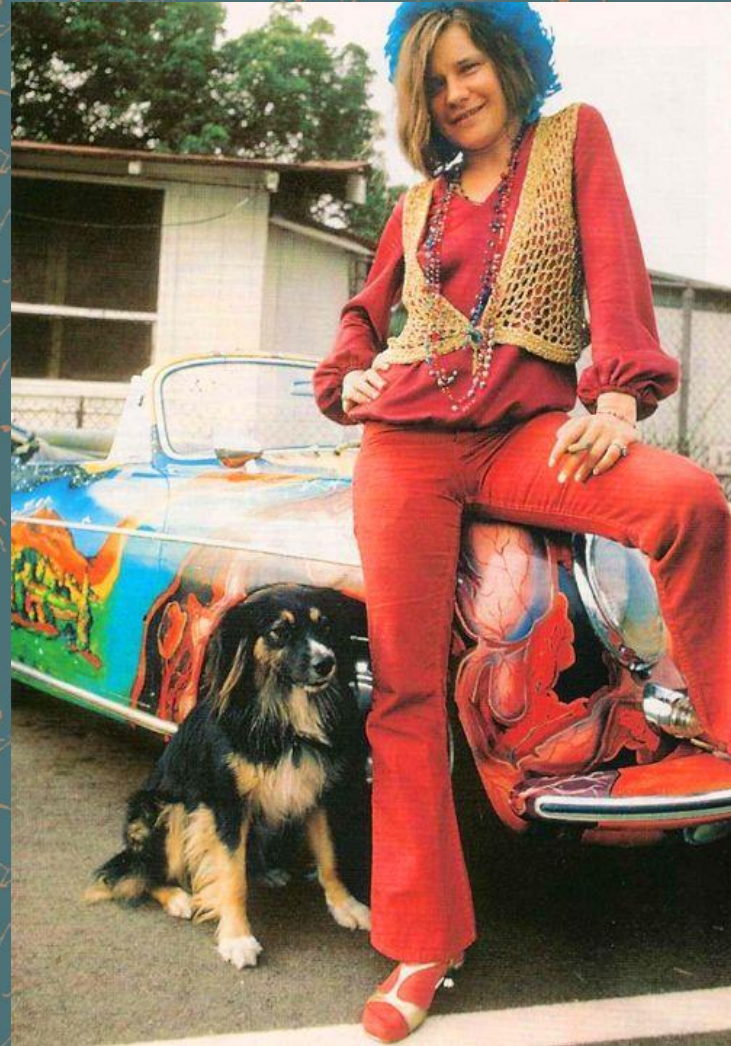
carregado por um sol de fazer sofrer os inimigos mais cruéis.

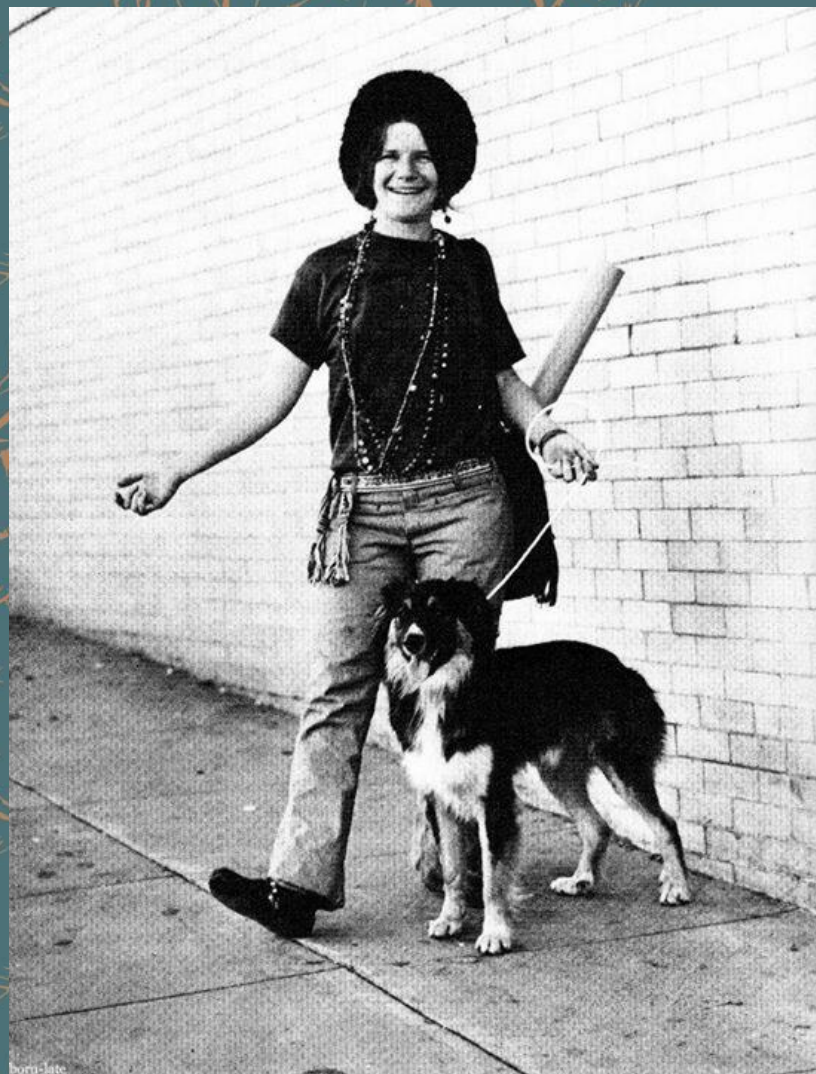
Foi-se embora aquele que temporariamente era a residência fixa de
uma centenas de pulgas e carrapatos

Fátima Costa



Janis joplin





Quatro patas e uma sova

- Fidélis, você passou a manhã inteira com o rabo entre as pernas. A ração estava com bolor, suspeito.
- Não foi isso.
- O que, então?
- Outra daquelas bem pesadas. No dorso, próximo ao flanco.
- Já não lhe ensinei a proteger-se? Quando a sandália atingir o ponto mais alto, você deixa seu peito rente ao chão. Vira levemente o rosto para um dos lados. Olha de soslaio para precaver-se de possível impacto no focinho.
- Fiquei sem reação. Estupefato.
- Foi grave assim?
- Deve ter sido um ataque à moral do homem. Minhas costelas sibilam quando encho os pulmões de ar. Urinei no limiar da porta.
- Então foi isso, Fidélis. Não sabe que o limite é sagrado para os bípedes? Um deles, de nome Saramago, colocou o tal Jesus de Nazaré no limiar de incontáveis portas. Contestou a soberania do destino. A incerteza humana está para o limiar, assim como a alegria canina está para o portão, esquecido semiaberto. No limiar, Fidélis, que deslize.
- Acho que o incômodo não originou da dessacralização da soleira.
- O que, então, Fidélis?
- Não senti necessidade de levantar a pata fraseira. Me chamou de bicha vira-lata e desceu o chinelo. Aquele mais velho, com solado de pneu de carro.

Maria Bethânia Monteiro





“ Akbar Stole My Heart: Coming out as an Animalist”

ALEXANDRA ISFAHANI-HAMMOND |UNIVERSITY OF CALIFORNIA, SAN DIEGO

For Fati

In an email exchange about the boom in animality studies with Brazilian writer, Regina Rheda, she cautioned that “The value of all these activities will be in direct proportion to the reduction in exploitation of the objects of study.” *e-misférica*’s call for reflections on the relation of *bios* to zoo reminded me at once of Rheda’s admonition, and of the predicament of articulating moral concern for those barred from the privileged, historically contingent human domain. Conscientization about the exploitation of nonhumans constitutes an unveiling or “coming out,” one that is thwarted both by the stigma of excessive caring and the equivocal association with white privilege. In my previous work on ethnography, I queried what Martinican theorist Aimé Césaire calls “thingification,” the debasement of sentient *bios* that facilitates the exercise of violence without

legal or moral reproof. To be sure, I had long been aware that humans were not the only species suffering from animalization, but this consciousness was dissonant with the common sense disavowal of animal pain. I repressed what I knew about transspecies connectivity, and even as I write this, I am aware of my trepidation as I seek out historical parallels and call upon theoretical allies for leverage, as though animals were not enough. Several years ago, a graduate student with whom I was closely politically and ethically aligned commended me for being quiet about my vegetarianism, for not trying to change people or make them feel badly about eating meat. Gazing disdainfully out the window of the Spanish and Portuguese T.A.’s office at an animal rights rally on U.C. Berkeley’s Sproul Plaza, another member of my cohort concluded, “these students care more about animals than they do about people of color.” Such moments were the catalysts for my perplexed meditation during years to come, out of which I began to tentatively articulate a rejoinder, beginning with “I learned to care about other species from my Iranian mother, who at age fourteen swallowed her last bit of animal flesh after witnessing one too many acts of slaughter. The quotidian public butchering of lambs, goats and chickens hadn’t offered her the veil behind which the reality of slaughterhouses is hidden in the industrialized west. She had also learned a thing or two about intersecting forms of violence from her own mother, who wept to the cries of inmates being tortured in the Shah’s nearby prison cells and fed home-made yoghurt to the neighborhood stray cats and dogs to induce vomiting and, hence, eliminate the poison routinely administered by animal control. My empathy has a much less predictable trajectory than you wish to allow.” Together with the disclosure of my individual animalist trajectory (from the Shah’s prisons to livestock butchering blocks), I came to understand not only the symbolic inversion constituted by ethical veganism’s association with white privilege but, moreover, white privilege’s *reliance upon* discourses of speciation. Colonialism and slavery are sedimented in biological taxonomies, from Linnaeus’s mid-eighteenth-century hierarchy of flora and fauna to Madison Grant’s early twentieth-century theorization of Nordic supremacy, informed by zoological scholarship and pivotal for the architecture of biopower not only in the settler colonies of Brazil and the United States but also in Hitler’s Germany. My awareness of the profound interdependence of notions about

race and species has been bolstered by ecocritics' dismantling of the northern European historicization of environmentalism and animal advocacy, situating figures including Mahatma Gandhi and Edward Said as pivotal theorists of a non-anthropocentric world.¹ The intersecting processes of speciation and racialization are provocatively probed in the testimonies of A. Breeze Harper's *Sistah Vegan* (2010), on the "Vegans of Color" website, and in theoretical interrogations including Neel Ahuja's and Dinesh Wadiwel's work on transspecies necropolitics in confined spaces ranging from veal crates to Guantanamo's prison cells.² In a word, the connections between colonialism and species violence have been effectively laid out.



AKBAR.

PHOTO: ALEXANDRA ISFAHANI-HAMMOND

What persists is the embarrassing matter of feeling and, what is worse, the emotion evoked by the mixed-breed, medium-sized brown dog whom I rescued from a shelter seven years ago. The truth is that my experience of Akbar's complex sociability, self-awareness and will to self-preservation was the catalyst for my turn to species inquiry. I had until recently disavowed my relationship to my dog to evade the charge of sentimentality--a once-positive attribute that eventually came to connote lack of reason, excessive feeling, and femininity, and was also deployed to undermine nineteenth-century anti-slavery campaigns--reporting that I'd become vegan on the

basis of two particular scenes of underground footage in Shaun Monson's documentary, "Earthlings" (2005). In the first, automobile safety crash testers strap a baboon to a platform and repeatedly propel her head-first at increasing velocity against a steel barrier until her brains are disembodied. In the second, a group of pigs huddle in a pen to evade a worker who clubs one after the other to death, muttering contemptuously as the others watch; the last, who won't succumb to clubbing, finally receives a bullet to the head as the worker intones, "you fucker." "Earthlings'" visual evidence constituted the final push for boycotting this macabre reality, discarding the justification offered by my mother, now herself vegan, for our prior consumption of reproductive products ("animals aren't killed to take their milk and eggs"). But the missing element was Akbar. Faced with the unavoidable fact that, by virtue of his species, this complex individual with whom I cohabit could be subjected to legally and ethically condoned torture and death, I could not remain complicit with the dangers to which his biotic, or zoological type, place him. Meeting Akbar's gaze meant that I could no longer dissimulate what Jacques Derrida qualifies as the "artificial, infernal, virtually interminable survival" of the animalized: "As if, for example, instead of throwing a people into ovens and gas chambers (let's say Nazi) doctors and geneticists had decided to organize the overproduction and exploitation of Jews, gypsies and homosexuals by means of artificial insemination, so that, being continually more numerous and better fed, they could be destined in always increasing ways for the same hell, that of the imposition of genetic experimentation, or extermination by gas or fire" ("The Animal that Therefore I Am," 26).

Derrida situates his cat's gaze as the source of his animal turn, though his comparison of concentration camps with factory farms does not guide him to abandon his complicity with agribusiness. In furtively disclosed Facebook updates, a series of academic friends go a step farther, confessing that they became vegan in the instant that they clutched a companion animal and wept violently while watching underground footage of factory farming and

laboratory experimentation. Respect for sentient *bios*—across not only racial, ethnic, gender, class but also species lines—is only cautiously revealed in a world wherein humanity is the sole, ever-shifting gauge for protection against abjection. In the course of my research on what J.M. Coetzee terms the transspecies “sympathetic imagination,” I have been energized by announcements like *e-misférica*’s of the “turn to animals studies,” and the abundance of journals, conferences, symposia and academic programs centered on the nonhuman. On the other hand, I have also encountered within this “turn” a great deal of scholarship wherein compassion is rigorously withheld; far from subjects for moral consideration, non-humans are objects of figurative curiosity. This disavowal of suffering constitutes a sinister new form of thingification at the avant-garde of literary debate. It calls to mind the reactionary, aestheticizing perspective of Afro-Brazilian studies to which I attended in *White Negritude* (2008), crystallized by sociologist L.A. Costa Pinto’s response to the demand of black participants in the 1950 *Primeiro Congresso do Negro Brasileiro* to be published in the Congress’s anthology: “I doubt that there is a biologist who, after studying, shall we say, a microbe, has seen that microbe come forth in public and write sottishly about the study in which he participated as laboratory material” (in Abdias do Nascimento, *O Negro Revoltado*, 1968, 17). I can imagine the guffaws and disdainful snorts of Costa Pinto’s colleagues as they supported his condemnation of the bizarre proposal that black agency was anything but a misnomer; as matter, or microbe, black “objects of science” were not sociohistorical subjects whose lives mattered. In discussions with colleagues in the contemporary arena of species and posthuman studies, I’ve repeated versions of Regina’s warning about the imperative for praxis and witnessed the constrained looks and silences that followed. Clearly, acknowledging a dog as the catalyst for one’s political orientation continues to be far too risky an endeavor.



CACHORRO
NÃO É BRINQUEDO.

**SENTE
FOME,
FRIO E
MEDO.**

abandono
de animais
é crime



À ESPREITA

O instinto de sobrevivência
devora, traga o óbvio.
Pulsões do corpo intempestivo.

Os infrassons nunca ouvidos
proliferam uivos e rosnados.
O outro mais *outro*.

O farejar do mundo
abre seu próprio mapa forjado.
Invenções de cartografia.

As extremidades, descobertas
tateiam as rugosidades do mundo.

Pelos apanham o entrevistado.

O vigiar, o observar,
rompe o imediatismo.
Ser à espreita.

Impossível adestrar o nu.
"o pensamento do animal cabe à poesia"
O doméstico sou eu.

Silvia Barbalho Brito

Fotografia de Fátima Lima





NA SOCIEDADE DO ABANDONO

*Pessoas não humanas dão lição
de humanidade*

O funeral do Bobi

*À memória de dosca, nossa defunta cadela. morta
por uma mamba, e enterrada, essa mesma noite, vimo-la,
ao luar, mais branca que nunca, em correrias
de definitivo adeus.*

Bobi está ainda fresco debaixo da terra. Com os olhos na cruz de bambu, miúdo José, pelas asas da memória, volta àquele dia em que a avó chamou:

- Jusééé!

- Cocuááá!

Contrariado, abandonou a construção do carro de arame com rodas de xirhangabuana, um bolbo das terras áridas, e lá foi a correr.

A velha, mãe da mãe do José, desatou o nó da nkeka.

- Vá comprar um quilo de sal – disse entregando ao neto uma moeda de prata.

Para dissipar o desagrado no rosto do miúdo, acrescentou:

- O troco compre rebuçados. Volte já. Saliva não seque!

Miúdo José alegria de rebuçados nos olhos, sumiu-se pelos caminhos guiando xinguerenguere cujo ruído imitava o concerto das cigarras nas madrugadas quentes.

Na varanda do Khadir, cantina de grande movimento, dois velhos comentavam o tempo:

- Vai chover.

- Será ano de boa colheita.

José passou entre ele, veloz como uma andorinha, respirando com força por causa da corrida, botou a moeda suada no balcão. De querer dizer tudo-tudo numa vez só, gaguejo:

- Copcua... cocua... co... cuana mandou-me sal. E rebuçados.

Porque o monhé era mesmo bom, não fazia cangahiça, a gente da Manhiça fazia ali as compras do findimês.

Parando com a ponta dos dedos, o nariz no balcão, José pôs-se a contar as prateleiras, bem recheadas. Havia o habitual cheiro fermentado da madeira húmida.

Aos dez rebuçados, o Khadir acrescentou dois de bacela. Contente, nem sentiu o chuveisco que entretanto começara.

Ia mastigando os doces com gana quando, ao dobrar o muro, viu um cachorro.

O pobrezinho gemia abandonado. José espiou cada lado, ninguém no chuveisco.

Limpou ranho com o lombo da mão, xinguerenguere a tiracolo, o pacote de sal na camisa larga amarrada no umbigo.

Tocado no coração pequeno só no tamanho, recolheu o cachorro.

Embora a humildade do pelo, o cachorro exalava calor.

No peito de José crescia tal sentimento como o despertar da Lua, pura e cheia, na noite calada de cacimbo.

Chegou molhado; o cachorro a dormir nos seus braços. A avó mexia o caril de amendoim e camarão seco pilado com a colher de pau, na cabana cheia de fumo. Ela olhou o cachorro com uma mistura tranquila de pasmo e desdém.

- Achei-o – apressou a justificar.

- É macho?

José ficou atrapalhado, o cachorro rastejando para perto do fogo.

- Aqui não quero cadela. Cadela com cio é uma vergonha.

José se recordou do mukhungakhunga de cães, na catinga cheia de gente. Baixou os olhos.

- Se é fêmea, devolva – e levantando a pata traseira, espreitou os fundos do bicho e depois ficou calada.

- Que nome lhe dá? – perguntou ela, pouco depois.

- Bobi! – disse prontamente.

José e Bobi tornaram-se grandes amigos. Mas quem matinha o cão à distância era a avó, severa, de vara na mão à hora do comer.

Nas noites de chuva, Bobi rodeava a palhota à cuca da entrada, gemendo um gemido de fazer pena.

- Cão não é gente – dizia a avó. – Seu lugar é lá fora.

José sofria o sofrimento do amigo. O sono ficava difícil.

Mas de manhã, ao sair da palhota, Bobi corria ao seu encontro. Redemoinhava à sua volta, saltava tentando lambe-lhe a cara. José evitava o beijo do bicho enquanto ria e gritava:

- Suca! Suca!

Agarrava as patas fortes e afagava-lhe o pelo. Bobi serenava, concentrando na carícia.

Bobi, com o tempo, ficou um cão forte, de farto pelo macio, da cor das madrugadas cacimbadas.

- Raça deste cão é ximácuca – dizia a avó, satisfeita com sua conduta, sempre longe na hora da comida, até ser chamado. Era o próprio Bobi quem afastava as galinhas das panelas.

Na vila, ladrava para outros cães e cheirava-lhes o rabo – uma tradição milenar canina. Os meninos gostavam de vê-lo, todo alegre, correndo e saltitando atrás da bola. Era uma maravilha!

Mas tinha também a mania de correr atrás de carros. Por isso, José evitava leva-lo à vila.

Estavam no Khadir jogando matrex que trazia o Benfica e o Porto quando o José sentiu o pelo do Bobi roçando-lhe as pernas. Bobi desatou a correr, subindo e descendo os degraus.

Foi então que passou o *Bedford*, e, zás, Bobi foi no encalço das rodas.

Aconteceram duas coisas: Victor, um colono que tinha machamas, travou enquanto Bobi passava adiante e, em seguida, acelerou. O ganido intenso e breve do cão foi a terceira coisa. Nem se mexeu.

Abraçado ao cão esmagado, José chorou, manchando-se com o sangue quente e abundante. E ninguém desfez o macabro abraço. Sobrepondo-se a todos os outros ruídos da Natureza, o lamento do miúdo pairava como aquele vento grave na intimidade das noites de

Agosto. Lágrimas e sangue formaram no asfalto caudais dispersos e indecisos.

Naquela tarde, ninguém jogou mais matrex, o futebol, o mundlerere e até o iôiô. Todos os miúdos partiram, silenciosos, para o poente.

Era o funeral do Bobi.

Suleiman Kassamo

[Escritor Moçambicano]

Fotografias de Fátima Costa



PANDORA

Conta-se que Pandora, cadelinha que dormia em veludo e comia em porcelana, apaixonou-se por Pequeno, que dormia à luz da lua e comia na rua. A dona da cadela recusava o latido do cão e mantinha Pandora longe do portão de alumínio da casa que se estendia por quase um quarteirão. Um dia, a cachorrinha entrou no cio, fugiu e encontrou Pequeno embaixo de uma camionete velha abandonada. Dali ela saiu em sementes: cinco filhotes multicolores nasceram meses depois. Pandora adoeceu desde o parto e, embora fosse levada ao veterinário diversas vezes, não se recuperou... Pequeno ainda late todos os dias à espera da cadela. Conta-se que ele dorme escorado no portão de alumínio e seus passeios nunca ultrapassam aquele quarteirão.

Lúcia Costa



DentiÇÃO

A última vez que Billy Onário Solto perambulou pelas ruas, voltou sem três dentes de leite...

Tânia Lima

Fotografia: Fátima Lima

DelaÇÃO

- Francisco Dedé das Chagas Fugêncio, quem bebeu aquelas quatro cervejas que estavam ali no canto da parede?

- Não tenho certeza, mas parece que foi o Rato!

Tânia Lima



fotografia: Fátima Lima

DOIS DEDOS DE PROSA COM GRACILIANO RAMOS

Por Túlio Monteiro

“E o sertão continuaria a mandar gente para lá. O sertão mandaria para a cidade homens fortes, brutos, como Fabiano, sinha Vitória e os dois meninos”.

(Graciliano Ramos)

Foi num desses sonhos inesquecíveis, que me encontrei com Graciliano Ramos para viver uma aventura literária inigualável.

Em visita à casa do mestre regionalista, tomei um café, visitei sua vasta biblioteca, conversei amenidades e, por fim, fui convidado por ele a conhecer algumas de suas produções inéditas, guardadas a sete chaves no fundo falso de um velho baú de roupas que estava encostado num dos cantos da sala de estar. Respeitoso, assisti inquieto ele retirar do meio de um calhamaço amarelado pelo tempo, três páginas que, afirmou Graciliano, continham o verdadeiro capítulo final de “Vidas Secas”. Um epílogo diferente, mais dramático que o publicado. Indagado por mim sobre a razão daquela escolha, ele me respondeu com a economia de palavras que sempre lhe foi típica:

- Na realidade quis deixar o romance em aberto, com Fabiano indo embora para a cidade grande. Minha intenção inicial era a de produzir uma trilogia que retratasse a circularidade da saga dos retirantes nordestinos, onde a família saísse do sertão, passasse pela

capital e depois retornasse ao interior. Por isso optei pela retirada desse capítulo que, se publicado, fecharia de forma definitiva a triangulação SECA-INVERNO-SECA que inseri no “Vidas Secas”.

Dá para se imaginar a curiosidade que já se apossara de minha pessoa naquele momento. As mãos não paravam quietas, tamanha era a ansiedade de tocar aquelas folhas e ler o conteúdo que elas encerravam. Percebendo meu estado, Graciliano riu com o canto da boca e me estendeu os originais, que li, entre honrado e temeroso de despertar de tão fantástico sonho:

“Os quatro caminhavam lentos no meio daquele calor irritante que só aumentava o silêncio da falta de vento. O chiar das chinelas no chão coberto de seixos era o único som que se ouvia. Monótono e irritantemente inquietante. Sinha Vitória resmungou algo ao menino mais velho que procurava se livrar da cuia na cabeça, na esperança de acabar com o suor que lhe escorria pelas laterais do rosto. Fabiano, espingarda num ombro e o saco da matalotagem no outro, perdia o olhar por aqueles confins de ninguém.

Tinham saído da fazenda feito fugitivos. No alto da noite acordaram os dois meninos, juntaram o que tinham e, aproveitando a fresca da madrugada, deixaram para trás boas lembranças de um tempo de relativa bonança. Com a nova seca que chegara, tiveram a certeza que não poderiam mais pagar o que deviam ao dono das terras em que moravam. Fugir foi a solução. Metidos no sonho de

encontrar uma cidade grande, onde pudessem melhorar de vida e educar os meninos, rumavam agora para o sul. O que doía em Fabiano era ter ido embora daquela forma, feito bandido, arrastando a família e olhando para trás cheio de receios de ser descoberto. Vez por outra agitava a cabeça para afugentar uma nuvem que, vista de perto, escondia o patrão, o soldado amarelo e a cachorra Baleia. Logo ele, que sempre trabalhou direito, honesto. Logo ele, que pra não prejudicar sinha Vitória nem os meninos, deixara de matar aquele soldado miserável que lhe dera uma surra e o fizera passar uma noite inteira na cadeia.

- Governo é governo.

Se soubesse que ia ter que sair dali que nem negro fugido, teria matado mesmo aquele bicho ruim, aquele amarelo covarde que se escondia atrás da farda para maltratar criaturas inofensivas que nem ele.

- Você é um homem, Fabiano.

Parou um pouco, e com as mãos em pala na testa, encontrou no limite da vista a copa verde de um juazeiro. Grunhiu uma interjeição áspera para a mulher e empurrou o menino mais novo, indicando o caminho. O sol estava a pino e uma sombra naquela hora era a certeza de um descanso bem-vindo. Mais um terço de légua e chegariam lá.

Depois de mastigarem punhados de farinha, pedaços de carne e beberem na cuia uns goles de água, resolveram descansar até que

chegasse a noite. O mormaço denunciava que eram umas três horas da tarde e seria muito melhor caminhar com a frescura que a escuridão traria.

Tinham acabado de cochilar, quando o menino mais novo acordou subitamente avistando primeiro a poeira e depois uma massa negra que, à medida que se aproximava, transformava-se em dez ou doze homens montados a cavalo. Estranhando aquilo, ele acordou a mãe que em seguida despertou Fabiano. Ainda sonolento, o homem se pôs de pé para tentar ver melhor quem eram aqueles que se aproximavam com tanta pressa. Um frio apossou-se de sua espinha quando reconheceu o grupo que tinha na liderança o patrão e o soldado amarelo. Estavam todos armados e com caras de poucos amigos.

Frearam os cavalos quase em cima de Fabiano e dos outros que se escondiam atrás dele. O soldado amarelo, cheio da arrogância que sempre tinha quando estava acompanhado de uma boa escolta, foi o primeiro a apear.

- Fique de costas, paisano. Você está preso por fugir sem pagar o que deve. Fique de costas que eu vou te algemar.

Nisso, o patrão e o resto do grupo já tinham descido dos cavalos e apontavam armas para Fabiano, sinha Vitória e os dois meninos. O mais novo começou a chorar dizendo que ia morrer, enquanto enfiava o rosto no vestido encardido da mãe. O patrão interrogou Fabiano:

- Cadê o que você me deve, cabra ruim? Te tinha na conta de homem sério e nunca pensei que tu fosse ladrão.

Acossado, Fabiano tentou explicar que tinha fugido por não ter como pagá-lo. Que tinha ido embora, mas, se um dia melhorasse de vida voltaria para acertar as contas. O patrão já ia amolecendo quando o soldado amarelo sacou da pistola e atirou. Acertou Fabiano no pescoço e o homem desmoronou já quase morto. Aos gritos, sinha Vitória e os meninos correram para cima do vaqueiro que derramava seu sangue sobre aquela terra cinza e quente.

Fabiano ainda viu alguns preás que corriam entre os garranchos de quixabeiras ali perto. Um pouco mais adiante enxergou Baleia que, quase sorrindo, abanava o rabo para ele. Achou graça naquilo e quis mostrar a cachorra para sinha Vitória e os meninos. Não deu tempo e a última coisa que sentiu antes de morrer, foi o gosto salgado de uma lágrima do menino mais velho que lhe caíra na boca.

Querendo transformar a sua covardia em bravura, o soldado balbuciou que estava certo de ter visto Fabiano tentar sacar a lambedeira da bainha para tentar matar alguém.

O latifundiário, antes arrogante, balbuciou que aquilo não tinha de ter acontecido. Tudo o que ele queria era aquela família de volta às suas terras para pagar com trabalho o que lhe deviam. Desaprovando o que havia acontecido, os outros homens subiram em

suas montarias e se foram levantando atrás de si uma nova nuvem de poeira.

Respeitoso, o dono do cavalo de fábrica e da égua alazã se aproximou do grupo que rodeava o corpo morto de Fabiano e disse:

- Vim para cobrar, mas agora meu melhor vaqueiro está morto. Sinto muito, dona. Tudo o que posso dizer é que de uma forma muito ruim a nossa dívida está acertada. Meus pêsames.

Ato contínuo, sacou alguns cobres do bolso depositando-os sobre o saco de mantimentos que estava ali por perto, indo embora aparentemente livre do seu remorso.

O soldado amarelo, que a tudo assistira com um sorriso disfarçado no canto da boca, já ia subindo no cavalo quando ouviu o menino mais velho lhe dizer com a voz firme:

- Um dia eu volto para vingar o meu pai!

O mesmo medo que se apossara dele quando encontrara Fabiano na catinga retornou. Nos olhos do menino viu uma força que nunca possuía, nem mesmo quando vestira a farda pela primeira vez. E tremeu, e quis fugir, e quis matar o menino, mas a coragem lhe faltou. Deixasse que os urubus fariam o serviço por ele. Picou as esporas no cavalo e se foi satisfeito. Ia ter muita história para contar quando chegasse na cidade.

O céu se avermelhava e já começava a escurecer, quando sinha Vitória e os meninos começaram a cavar a sepultura de Fabiano...”

Ao terminar a leitura, uma lágrima teimosa escorreu pelo meu rosto. Era muito mais profundo e crítico aquele final. Muito mais realista, mais inquietante e duro. De pé, mãos no espaldar de uma cadeira, Graciliano me observava com um olhar interrogativo. Não foram preciso perguntas nem respostas. O silêncio que o nó em minha garganta provocara confirmou o que o escritor queria saber. Levantei-me, apertei a sua mão, agradei pela honra e o parabenei pelo texto. Como ele havia feito antes, estendi-lhe os originais. Recebi um não como resposta. – Fique com eles, divulgue-os se achar que deve. A mim de nada mais servem. Dito isto, pediu-me licença para se recolher. Estava sendo chamado de volta e o nosso tempo já havia se encerrado. Tudo pareceu sumir ante meus olhos: a sala, os livros, os papéis e, por fim, Graciliano.

Despertei naquela manhã um pouco mais feliz que antes. Havia descoberto que a imortalidade existe. Que está contida no que produzimos, no que deixamos sobre esta terra por gerações a fio, nos atos que praticamos...nas coisas que costumamos escrever no papel em certas noites de insônia.





Foto: Tim Flach

